

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Museologia Conservação e Restauro
Bacharelado em Museologia



Monografia

**Relações entre os objetos indicadores de memória e a comunidade
das Minas do Camaquã: um ensaio sobre a museologia como
fenômeno**

Stefanie Kohn Winter Mendes

Pelotas, 2013

STEFANIE KOHN WINTER MENDES

**Relações entre os objetos indicadores de memória e a comunidade
das Minas do Camaquã: um ensaio sobre a museologia como
fenômeno**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em
Museologia da Universidade Federal de Pelotas, como
requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em
Museologia.

Orientador: Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro

Pelotas, 2013

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro

Prof. Dr. Pedro L. M. Sanches

DEDICATORIA

Dedico este trabalho aos meus pais Selvira e Sidemar pelo amor e carinho que tiveram ao longo da minha formação educacional e, ao meu esposo Márcio Mendes pela cumplicidade, paciência e companheirismo durante as intermináveis escritas da monografia.

AGRADECIMENTOS

Neste espaço, primeiramente gostaria de agradecer a Deus por me dar força e sabedoria para concluir o estudo.

Agradeço ao meu orientador, o professor Diego Lemos Ribeiro, pela confiança em mim depositada, por todos os ensinamentos, exigências quanto à organização dos parágrafos, apoio e paciência durante as escritas deste trabalho monográfico.

Gostaria também de agradecer a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para a realização dessa pesquisa.

A todos os professores do bacharelado em Museologia, pelos conhecimentos oportunizados no decorrer do curso. Aos meus colegas, que participaram de momentos importantes da minha formação.

Agradeço a todos os meus entrevistados, que pacientemente me receberam em suas residências e dedicaram um minuto de seu tempo para fornecerem as entrevistas. Um agradecimento especial á Elssom Moraes da Silva, Maria Barbosa Pereira, Zalmira Moreira de Sena, Claudino Nunes Pereira, Arvorino Teixeira de Oliveira, Jeane Teixeira da Silva, Clara Lima Luiz, Ernani Souza Luiz, Enio da Silva Baltezan, Nicolau de Souza Teixeira, Vera Lucia Alves Trindade, Gaspar Bitencourt Neto, Valter Garcia da Fontoura, Leda da Silva Sena, Adilema da Silva Fagundes, Luiz Antonio de Oliveira Biagini, Luiz Carlos Pedroso, Zaldemir Alves Teixeira, Zilmar Alves Teixeira, Luiz Paulo Pavão, Evaldo Martins de Macedo, Jose Deni Rodrigues Silveira.

Por fim, agradeço aos meus pais, pelo amor e carinho ao longo da minha formação educacional, a minha irmã Jeanne Kohn Winter por acreditar que eu iria vencer esta etapa e, ao meu esposo Márcio Pinheiro Mendes pela cumplicidade, paciência e companheirismo durante as pesquisas e escritas do trabalho monográfico.

Guardar ...Guardar...Guardar
Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la
Em cofre não se guarda nada
Em cofre perde-se a coisa à vista
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la
Mirá-la por admirá-la
Isto é, iluminá-la e ser por ela iluminado
Estar acordado por ela
Estar por ela
Ou ser por ela
(Antônio Cícero)

RESUMO

MENDES, Stefanie K. W. **Relações entre os objetos indicadores de memória e a comunidade das Minas do Camaquã: um ensaio sobre a museologia como fenômeno.** 2013, 73p. Monografia (Graduação) – Curso de Bacharelado em Museologia, Universidade Federal de Pelotas, RS.

Esta pesquisa teve por objetivo investigar as relações estabelecidas entre os objetos enquanto indicadores de memória e a comunidade, no contexto da vila Minas do Camaquã - Caçapava do Sul – RS, refletindo sobre a museologia como fenômeno. Para a estruturação desse trabalho, foram elaboradas entrevistas contendo questões que objetivavam entender como a musealidade em sua essência se exercia naquele contexto e de como se organizavam os processos museais, sejam eles a seleção, a salvaguarda e a comunicação.

Palavras-Chaves: Museologia Fenômeno, Musealidade, Indicadores de Memória, Minas do Camaquã

Lista de Abreviaturas

DNPM - Departamento Nacional de Produção Mineral

CBC - Companhia Brasileira de Cobre

BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Social

FIBASE - Insumos Básicos S/A Financiamentos e Participações

CEMAMC - Confraria de Ex-Mineiros e Moradores das Minas do Camaquã

ICOM- Conselho Internacional de Museus

ICOFOM- Comitê Internacional do ICOM para a Museologia

ICOFOM-LAM- Subcomitê Regional para a Museologia da America Latina e do Caribe.

IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

PNM- Política Nacional de Museus

IBRAM- Instituto Brasileiro de Museus

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização da vila Minas do Camaquã	43
Figura 2: Cinquentenário da CBC	46
Figura 3: Praça Central da Vila	47
Figura 4: Disposição dos Objetos na Praça	48

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Porque os objetos estão na praça?	58
Gráfico 2: Objetos com os quais os moradores se identificam	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Processos de Musealização.....	23
Quadro 2: Entrevistados.....	51
Quadro 3: Respostas das questões 01 e 02	55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 UMA ABORDAGEM CONCEITUAL	16
1.1 MUSEOLOGIA COMO FENÔMENO: A TRIÁDE HOMEM X OBJETO X CENÁRIO	17
1.2 BREVE HISTÓRICO SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS MUSEUS E A FORMAÇÃO DAS PRIMEIRAS COLEÇÕES	27
2 MUSEU FENÔMENO: COMPREENDENDO ESSE CONCEITO AO ANALISAR AS RELAÇÕES ESTABELECIDAS ENTRE OS OBJETOS EXPOSTOS NA PRAÇA CENTRAL E OS MORADORES DA COMUNIDADE DA VILA MINAS DO CAMAQUÃ.....	42
2.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA, LOCALIZAÇÃO DA VILA E OS OBJETOS INDICADORES DE MEMÓRIA	43
2.2 CAMINHOS PERCORRIDOS: MÉTODOS UTILIZADOS.....	49
2.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS.....	68
APÊNDICES	71

INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico possui como objeto de análise investigar as relações estabelecidas entre os objetos enquanto indicadores de memória e a comunidade, no contexto da vila Minas do Camaquã - Caçapava do Sul – RS, refletindo sobre a museologia como fenômeno, tendo como pano de fundo o princípio da musealidade.

A motivação pelo tema teve por base nossa trajetória acadêmica, entremeada por experiências pessoais adquiridas nesse caminho. Em nossa primeira pesquisa universitária, a monografia de conclusão do curso de licenciatura em geografia pela Universidade Federal de Pelotas investigou o potencial turístico possível de ser explorado na vila Minas do Camaquã associando também dentro desse percurso o município de Caçapava do Sul.

Dessa forma, esse primeiro trabalho nos permitiu entender o contexto de surgimento da vila, o cotidiano de vida desses moradores e suas expectativas em relação ao futuro, no que diz respeito ao trabalho, em detrimento do término das explorações do minério de cobre. Além disso, outras visitas esporádicas a vila com familiares e amigos nos permitiram conhecer mais sobre a história desse lugar e, especialmente, tivemos acesso ao conjunto de objetos que estão dispostos na praça central da cidade.

Nessas visitas, iniciamos uma série de conversas com alguns moradores do lugar, os quais nos indicavam que esses objetos se constituíam em maquinários utilizados na mineração de cobre. Diante desse cenário, começamos a pensar sobre esses objetos sob o ponto de vista da museologia, pois estes, inicialmente foram ferramentas de trabalho e agora faziam parte da ornamentação da praça.

Dessa forma, por nos encontrarmos presentes em um lugar específico, perante objetos que pertencem a uma história em particular e; por estarmos nos referindo a um contexto não institucionalizado, optamos por pesquisar a museologia fenômeno.

Como desdobramento desta primeira investida no local, o presente trabalho monográfico parte de alguns referenciais hipotéticos para estruturar a investigação, mas fundamentalmente destacamos a seguinte: de quais formas se estabeleceram os recortes ou parâmetros de seleção patrimoniais utilizados pela comunidade e de que maneira se organizou a escolha dos objetos representados nesse cenário? Em linhas gerais, partimos do pressuposto que tal processo pode ter ocorrido por uma seleção própria por parte dessas pessoas ou ainda ter sido um fato dado, uma vez que esses moradores não puderam escolhê-los, em virtude de ao se encerrar o ciclo minerador restarem somente esses referenciais. Além disso, buscamos pesquisar de que modo o conceito de musealização *in situ* poderia ser pensada diante desse cenário, buscando investigar os processos museais inerentes aos processos de seleção, a salvaguarda e a comunicação.

Ao refletir sobre o campo museológico, nos questionávamos se existia um museu nesse lugar, ou se essa composição de objetos no cenário poderia se transformar em um museu. Entretanto, durante o desenvolvimento do trabalho começamos a perceber que o enfoque de nossa pesquisa estava voltado para o fato museal, ou dito de outra forma, o que nos interessava entender eram as relações que se desenvolviam entre a comunidade e aquele conjunto de objetos e os mecanismos de apropriação desse patrimônio.

No que diz respeito ao problema central dessa pesquisa, assumimos como desafio investigar de que forma essa comunidade elencou determinados objetos da mineração para representá-los; porque e para que preservam aqueles indicadores; averiguamos também se existe de fato o fenômeno museu nesse lugar; refletimos sobre a museologia nesse contexto; e ainda observamos como e de que forma os princípios da musealidade são manifestados nessa vila.

Entre os objetivos desse trabalho estão a apresentação desses objetos indicadores de memória representados pelos bens culturais presentes na vila Minas do Camaquã, Caçapava do Sul, RS; investigar o potencial de musealização desses indicadores; perceber como os moradores se apropriam desse patrimônio; reconhecer as operações de seleção, salvaguarda e comunicação dos objetos no contexto da vila e identificar quem são os atores sociais que promovem a preservação da cultura material.

Acreditamos que a relevância do presente trabalho se justifica pela reflexão sobre um objeto de pesquisa pouco explorado no contexto museológico: a

museologia fenômeno, legando para um segundo plano a museologia aplicada – esta última encontra maior ressonância nas pesquisas relativas aos museus. Nesse enfoque, busca-se compreender o comportamento individual e/ou coletivo do homem frente ao seu patrimônio em um cenário específico, reconhecendo que as múltiplas possibilidades de compreender os processos museológicos são meramente diferenças metodológicas, as quais contribuem para enriquecer a teoria museológica.

Nesse sentido, ao buscar refletir sobre um dos conceitos mais caros à museologia – o princípio da musealidade, tendo como cenário as minas de cobre – essa pesquisa procurou analisar a relação empreendida entre a população local e a cultura material proveniente da indústria, ao perceber que os moradores do lugar se preocupam em preservar os indicadores de memória representados pelos maquinários utilizados em algumas fases da mineração.

Os objetos que se encontram expostos na praça central, ao mesmo tempo contam a história dos ciclos mineradores, bem como a história desses moradores ao evocarem lembranças por intermédio desses suportes materiais, tanto ao olhar quanto ao falar sobre eles, investigando também como adquiriram os objetos, como os protegem e como comunicam esse acervo.

Metodologicamente, nosso trabalho divide-se em dois momentos: no primeiro realizamos uma revisão bibliográfica de diversos autores que dialogam com a museologia, em especial com a museologia entendida como um fenômeno. E, num segundo momento, em termos de coletas de dados, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, na qual utilizamos como técnica, a pesquisa de campo, a observação e as entrevistas aplicadas aos moradores da vila procurando pesquisar como se organizaram os processos museais – quais sejam: a seleção, a salvaguarda e a comunicação –, buscando também perceber como a musealidade em sua essência se fazia presente nessas relações.

Em relação a estrutura do trabalho, o mesmo foi dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo, abordamos museologia como fenômeno aliando a tríade homem x cenário x objeto; em seguida, apresentamos um breve histórico sobre a organização dos primeiros museus e a formação das primeiras coleções.

No segundo capítulo, apresentamos uma breve contextualização histórica, a localização da vila e os objetos enquanto indicadores de memória. Em seguida,

abordaremos os métodos utilizados durante a pesquisa, assim como evidenciaremos as análises e interpretação dos dados coletados nas entrevistas.

1- UMA ABORDAGEM CONCEITUAL

Neste capítulo, delinearemos um marco teórico sobre a museologia fenômeno, evidenciando a tríade: homem, objeto e cenário. Apresentaremos também um breve histórico sobre a organização dos museus e a formação das primeiras coleções.

O capítulo 1.1 está estruturado de modo a apresentar primeiramente como a museologia foi reorganizando seus estudos, pesquisas e bases epistemológicas no decorrer dos anos. Em seguida, abordaremos os processos museais sejam eles a seleção, a preservação e a comunicação, bem como a própria musealidade e de como esses são representados levando em consideração a tríade museológica: homem, objeto e cenário.

Na tentativa de discutir como a museologia e seus conceitos foram reorganizando seus estudos, pesquisas e bases epistemológicas no decorrer dos anos e buscando uma reflexão sobre a museologia como fenômeno, utilizamos como referenciais teóricos Z.Z. Stránsky, Ana Gregorová, Teresa Cristina Scheiner, Mário Moutinho, Maria Cristina Bruno e Bruno Soares.

Discutiremos como se organiza a tríade museológica composta pela relação homem, cenário e objeto, definindo os objetos enquanto indicadores da memória baseado na concepção de Maria Cristina Bruno, a qual também nos auxilia a entender como os processos museais atuam nas operações de seleção, salvaguarda e comunicação, juntamente com as definições propostas por Marília Xavier Cury as quais nos permitem entender a musealização dentro desse conjunto de operações. Peter Van Mensch e Waldisa Guarnieri nos evidenciam como os objetos se tornam importantes nas relações que se estabelecem dentro dos processos museais.

1.1 MUSEOLOGIA COMO FENÔMENO: A TRIÁDE HOMEM X OBJETO X CENÁRIO

É em meados do século XX que o campo da museologia se amplia, sofre críticas e se dinamiza. Como uma das áreas das ciências humanas, a museologia repensa suas bases teóricas, o que acaba por repercutir em novas abordagens e formas de como pensar e organizar os museus. Moutinho nos auxilia nesse entendimento ao dizer que, 2010, p.27,

“A partir da década de 90 do século XX a Nova Museologia evolui, dando lugar à Museologia Social ou Sociomuseologia, com a finalidade de adaptar o seu paradigma patrimonial às características e necessidades da sociedade contemporânea, – visando contribuir para o desenvolvimento sustentável da humanidade com base na igualdade de oportunidades e na inclusão social, cultural e econômica”. (MOUTINHO, 2010, p.27)

Com essa renovação na museologia surgem buscas por sustentação epistemológicas da área, mediadas pelas novas discussões tanto dentro do ICOM, ICOFOM, ICOFOM LAM, universidades e cursos de graduação e pós-graduação em Museologia. Todas elas no sentido de fazer com que esse ramo do conhecimento pudesse de alguma forma edificar os pilares para sua sustentação teórica e, ao mesmo tempo, construir num esforço conjunto com vários profissionais os novos caminhos para essa área, conforme aponta a autora,

“Foi nesse contexto que se criou e desenvolveu o Grupo de Trabalho em Teoria Museológica para a América Latina e o Caribe – ICOFOM-LAM (1989), o primeiro e mais importante grupo de estudos teóricos sobre Museologia da América Latina, responsável pela produção sistemática de teoria museológica em português e em espanhol. Voltado para a consolidação da Museologia como campo disciplinar, mas sem esquecer a análise crítica das relações entre sociedade e prática museológica na região, coube ao ICOFOM-LAM desenvolver, desde o início de seus trabalhos um conjunto de reflexões que muito tem contribuído para implementar e fortalecer os estudos no campo da Museologia. Incluem-se aí os debates sobre a evolução das ideias de 'museu' e de 'patrimônio' na história do conhecimento, bem como a análise transversal dos conceitos que delas se originam”. (SCHEINER, 2012, p.03)

Entretanto, a construção da trajetória epistemológica da museologia foi avançando gradativamente, uma vez que, em cada evento, congressos e encontros organizados pelo ICOFOM, ICOM e outros órgãos com semelhantes características, eram discutidos uma infinidade de questões referentes à estruturação teórica da Museologia e de como deveriam ser encaminhados os trabalhos e pesquisas nessa área de estudo.

A pesquisadora Maria Cristina Bruno, nos permite perceber como foram tecidas essas discussões no campo da museologia, ao afirmar que,

“muitas evidências comprovam que o fazer museal impôs, a partir de uma reflexão crítica, a constituição de um universo particular para a edificação de sua epistemologia. Esta trajetória tem sido lenta e ainda hoje confronta-se com o número reduzido de profissionais preocupados com a estruturação teórico-metodológica desta disciplina, com poucas escolas de formação e com um objeto de estudo extremamente diversificado que dificulta as análises comparativas”. (BRUNO, 1996, p. 12).

De acordo com a fala acima podemos perceber que os estudos na Museologia, bem como os seus debates se dão de uma forma lenta e dispersa pelas várias partes do mundo. Numa outra passagem a mesma autora escreve o seguinte a respeito do avanço nos estudos desse campo do conhecimento; “Esta realidade epistemológica que envolve a Museologia tem dificultado, também, a elaboração de princípios básicos e hierarquizados de raciocínio sobre o fenômeno museal”. (1996, p. 12)

Dentro do campo teórico da museologia, podemos pensá-la enquanto fenômeno, denominação esta que iremos adotar para organizar e teorizar nesse trabalho, ou em outras palavras pensar o museu enquanto dimensão fenomenológica; permitindo assim novas ênfases aos trabalhos dentro desse campo do conhecimento.

Esse entendimento a respeito do museu fenômeno e de como ele permite analisar as relações sociais e de pertencimento de uma dada comunidade, podem ser compreendidas de acordo com a fala da autora ao dizer que,

“o museu como fenômeno histórico e a Museologia como fenômeno epistemológico, despertam interesses comuns e as respectivas reflexões possibilitam um cruzamento de análises que converge para os estudos sobre a função social do pertencimento, a singularidade da ressignificação museológica dos bens culturais e a necessidade da educação da memória”. (BRUNO, 2006, p.10-11)

Nesse sentido, abordaremos a museologia como fenômeno, surgindo este trabalho como uma oportunidade para entender como se organizam os mecanismos de seleção, salvaguarda e comunicação. E de como percebemos a musealidade nesse contexto, uma vez que ela permite-nos compreender como são estabelecidas as relações das pessoas para com os objetos, enquanto indicadores de memória.

Dentro com essa perspectiva podemos verificar em Scheiner semelhante percepção referente ao museu como fenômeno, quando a autora afirma que,

“Este é o museu que desejamos estudar: o museu fenômeno, o museu processo, o museu que independe de um espaço e de um tempo específicos, mas que se revela de modos e formas muito definidas como espelho e símbolo de diferentes categorias de representação social”. (SCHEINER, 2008, p. 41)

Considerando essa forma de museu enquanto fenômeno das ações e representações de diferentes sociedades, e as relações estabelecidas por aquele determinado grupo perante um conjunto de objetos, podemos ter a seguinte compreensão a respeito dos museus,

“compreender que museu (fenômeno) não é o mesmo que um museu (expressão limitada do fenômeno) permite-nos aceitar que ele assuma diferentes formas; permite-nos ainda, prestar atenção às diferentes ideias de museu, presentes no universo simbólico dos diferentes grupos sociais”. (SCHEINER, 2008, p. 41)

Percebendo então esse mundo simbólico que se faz presente através de uma dada coleção, verificamos que aquele grupo de indivíduos ao se relacionar com esses objetos consigam por intermédio deles, evocar memórias de diferentes tempos e espaços.

Essa evocação da memória se faz por intermédio de suportes, os quais nesse trabalho monográfico são expressos pelos maquinários expostos na praça

central. De forma semelhante, Ivo Maroevic se reporta a memória do patrimônio, ao afirmar que,

“A memória do patrimônio é um estímulo que nos vem do mundo de objetos que nos rodeia. Estimula este conhecimento que é guardado em nosso sistema de memória, relacionando nosso próprio conhecimento com as características do objeto. O que se coloca em jogo então é a ação do contexto físico social, condicionamentos sociais, circunstâncias históricas e uma quantidade de outras condições que estimulam o processo de gênese de conotações e associações.”¹

Percebemos então, que o museu fenômeno trabalha também na perspectiva filosófica, ou seja, de colaborar para as relações que são instituídas entre a sociedade e os objetos, e para a relação dos objetos com aquela dada sociedade, entendendo as diferentes dimensões possíveis de serem tecidas e pesquisadas naquele determinado grupo em questão e que elegeu para si alguns objetos, que num conjunto formam a sua coleção.

O pesquisador Peter Van Mensch, aborda a museologia sob uma perspectiva de entender como ela permite o estudo da relação específica do homem com a realidade.

Dessa maneira, as diferentes correntes da nova museologia, podem estender os estudos para outros patamares, não entendendo a museologia e os museus apenas enquanto instituição; pois os olhares se deslocam, as preocupações e os aspectos teóricos metodológicos migram para novas formas de compreender e gerir os bens culturais das comunidades locais.

Nesse sentido mudam também as inquietações por parte dos museólogos, conforme afirma Scheiner, (1998, p. 141), “O museólogo, hoje, não é quem trabalha nos museus, mas quem pensa o Museu”.

Um viés importante de ser analisado dentro das correntes da museologia pode ser percebido no pesquisador Stránsky. Para esse autor, dentro de um contexto do ICOFOM durante o ano de 1980, ele discute a museologia, dizendo que ela precisa ser entendida como o estudo da relação particular do homem com a realidade que o cerca, tendo como objeto de pesquisa,

¹ Texto: O papel da Musealidade na preservação da memória, contido na apostila: Bases Teóricas da Museologia, da Escola de Museologia da Unirio, 2001, organizada por Tereza Scheiner.

“uma abordagem específica do homem frente à realidade, cuja expressão é o fato de que ele seleciona alguns objetos originais da realidade, insere-os numa nova realidade para que sejam preservados, a despeito do caráter mutável inerente a todo objeto e da sua inevitável decadência, e faz uso deles de uma maneira, de acordo com suas próprias necessidades”. (STRÁNSKY apud MENSCH, 1994, p. 12)

Dessa maneira percebe-se que os objetos de uma dada coleção são escolhidos, retirados de seu contexto de utilização, e, selecionados como representante dessa parcela da sociedade, como forma de representação, para contar a história e para dela fazer novo uso.

Uso este associado às memórias de tempos em que estes determinados objetos faziam parte de seus cotidianos enquanto instrumento utilitário, sejam eles maquinários, compostos de diversos materiais ou procederem de diferentes países. Entretanto, hoje fazem parte de seu dia a dia, mas de uma forma diferenciada, tornando-se a partir desse instante em indicadores de memória.

Temos da pesquisadora Maria Cristina Bruno esse conceito de indicadores da memória, uma vez que para ela o “mais relevante é registrar que os processos museológicos sempre estiveram vinculados aos usos do poder e à necessidade de preservar os indicadores de memória”. (BRUNO, 2006, p. 125)

Anna Gregorová, outra pesquisadora de destaque dentro da epistemologia da museologia, colabora com o pensamento teórico de Stránsky, definindo a museologia como a,

“[...] ciência que estuda a relação específica do homem com a realidade, que consiste na coleção e conservação intencional e sistemática de objetos selecionados, quer sejam inanimados, materiais, móveis e principalmente objetos tridimensionais, documentando assim o desenvolvimento da natureza e da sociedade e deles fazendo uso científico, cultural e educacional”. (GREGOROVÁ apud MENSCH, 1994, p.12)

Nesse sentido, também se pode entender a museologia enquanto mediadora dos estudos referentes às diversas nuances perpassadas pelos objetos. Objetos estes, que dentro de uma museologia como fenômeno evidenciam o princípio da musealidade, ao permitir entender o processo de musealização. A musealidade para Mensch passa a ser entendida como propriedade do objeto como documento.

Essa museologia enquanto fenômeno perpassa por diferentes áreas, numa tentativa de construir novas abordagens. A filosofia, em especial, acaba por permitir

que esse ramo do conhecimento seja estudado sob o enfoque do fenômeno, partindo de uma investigação de olhares sociais e dinâmicos, entendendo os mecanismos presentes nas relações objeto, comunidade e museu, permitindo à Museologia ser pensada não apenas como ciência aplicada, mas sobre outro olhar o olhar do fenômeno.

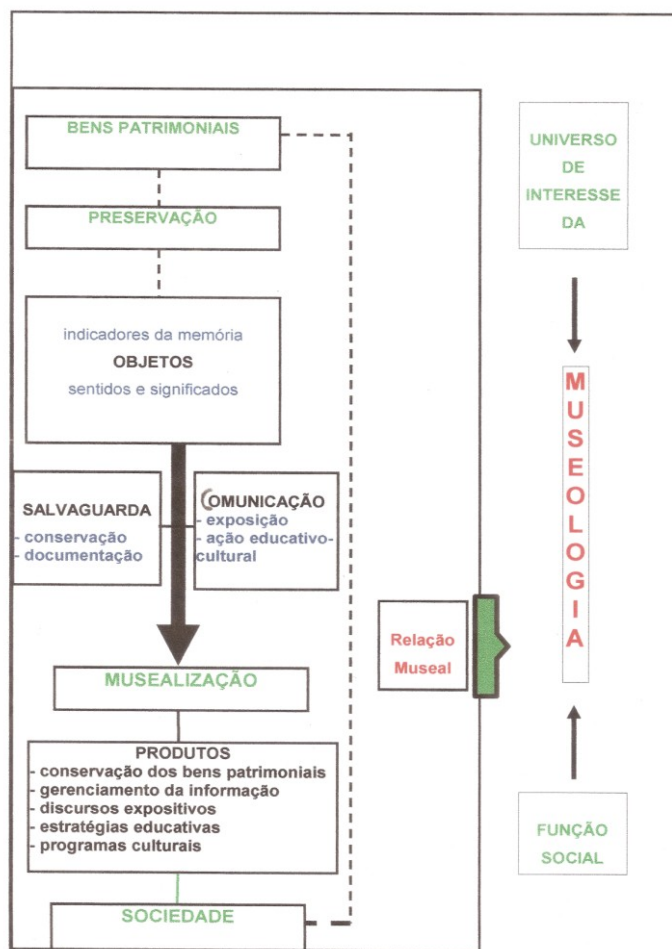
Assim a museologia, sob o enfoque da fenomenologia busca compreender como os objetos museológicos (indicadores da memória) e a musealidade (a qual procura entender as informações contidas nos objetos e seu processo de comunicação) passam a se estruturar dentro de uma pedagogia do processo.

Nesse enfoque, as pesquisas de Maria Cristina Bruno, colaboram num sentido de esclarecer que,

“Nos procedimentos de salvaguarda e comunicação, há uma explícita intenção pedagógica no que tange à condução dos caminhos e acessibilidade aos bens patrimoniais, à compreensão sobre a importância das referências culturais como instrumentos de auto-estima e auto-determinação dos cidadãos e, em especial, aos ensinamentos que as ações museológico-preservacionistas podem propiciar para a fruição e o entendimento do universo que nos cerca e aos questionamentos sobre as memórias abandonadas”. (BRUNO, 2006, p. 134-135)

Nessa perspectiva podemos entender também que os processos de seleção, salvaguarda e comunicação passam a acontecer mediados pela tríade museológica, da qual fazem parte os homens, um determinado cenário e os objetos, tendo como ponto de partida a pedagogia do processo.

No quadro abaixo de autoria da pesquisadora Maria Cristina Bruno, podemos observar uma ilustração, a qual nos permite entender de forma esquemática como ocorrem os processos museais;



Quadro 1: Processos de Musealização

Fonte: Bruno, 1996, p.30

Buscamos assim no fenômeno, a compreensão do próprio processo das experiências humanas, ou seja, a relação entre o homem, o objeto e o cenário, tomando como base a tríade museológica.

Dessa maneira, todas as subjetividades, experiências e emoções, reúnem-se no protagonismo desses objetos num cenário específico que não necessariamente um museu institucionalizado. Então, compreendemos que o museu tradicional não é o único possível, conforme nos coloca Scheiner², existindo outras dimensões de museu. Além disso, o museu deve ser pensado já não mais como coisa única, mas como fenômeno, e, portanto fato dinâmico, independente de um local e de um tempo específicos, podendo estar simultaneamente em muitos lugares, sob as mais diversas formas e manifestações.

² Texto Desvelando o Museu Interior, contido na apostila: Bases Teóricas da Museologia, da Escola de Museologia da Unirio, 2001, organizada por Tereza Scheiner.

Esse tipo de abordagem permite nas diversas relações, várias experiências museológicas. Uma vez que em cada contexto específico, diversos são os personagens e diferentes são as ações e manifestações trazidas para, em e com relação aos objetos.

Esses objetos materiais dispostos em um cenário específico permitem diferentes e singulares evocações, e passam a ser conceituados como indicadores da memória.

Dentro dessa perspectiva da Museologia, deslocam-se os olhares da instituição para as relações que são tecidas nas sociedades para com os seus objetos; objetos estes que nem sempre se encontram em uma instituição formal ou dentro de quatro paredes. Evidenciamos então, as diversas dimensões presentes no museu enquanto fenômeno.

A museologia vista enquanto fenômeno nos permite outro viés: a inter-relação possível de ser mediada com vários campos do conhecimento; seja para formular uma teoria, para entender certos mecanismos no exercício prático nos museus, ou ainda para visualizar e permitir intercambiar por diferentes conceitos. Até por percebermos que a Museologia é um campo em constante formação e transformação, e essa aproximação com outros campos do conhecimento vem a qualificar seus estudos e reflexões.

Antes as disciplinas estavam mais voltadas para o estudo dos acervos, agora a Museologia passa a dialogar com áreas como a Sociologia, a Antropologia, Arqueologia, Filosofia, Epistemologia, dentre outras.

A museologia, percebida enquanto fato museal - termo cunhado por Waldissa Rússio - nos faz lembrar o que vem a ser para essa autora os estudos museológicos. Dessa forma, essa área do conhecimento tem como base o estudo do fato museológico, assim afirma a autora,

“Fato museológico é a relação profunda entre o homem, sujeito que conhece, e o objeto, parte da realidade à qual o homem também pertence e sobre a qual tem poder de agir – relação esta que se processa num cenário institucionalizado chamado museu”. (GUARNIERI, 1990, p.7)

O fato museal é instituído, no estabelecimento das relações constituídas no coletivo, enquanto as experiências museológicas são criadas de forma individual e, somente a partir de um indivíduo, é que ela passa também a integrar o coletivo.

Isso pode ser evidenciado desde a renovação dos conceitos da museologia e do próprio museu nos encontros a partir de meados da década de 70 do século XX, onde começam a ser estudados os museus de comunidade, ecomuseus, e museus a céu aberto, os quais evidenciam uma preocupação especial com as experiências humanas.

É por intermédio dos objetos que podemos desfrutar de um mundo diferente, muitas vezes invisível, mas que se torna visível quando nos é permitido lembrar, evocar, ou contar coisas a respeito dos artefatos, assim como escutar histórias das quais eles fizeram parte, num contexto e espaço específicos. Conforme podemos evidenciar nas palavras do autor, ao dizer que,

“Não são os aparatos interativos que fazem do Museu uma experiência humana, um fenômeno; estes apenas evidenciaram o que já existia. Pois a experiência sempre esteve ali, fosse ela semiótica, filosófica, contemplativa, científica ou inconsciente. Esta é inerente ao humano desde muito antes do *Mouseion*, das musas e do templo (SCHEINER, 1998). O que sempre esteve no centro de qualquer concepção do Museu é a relação, como defende Scheiner (1998), a partir de Stránský e Gregorová. Relação entre o humano e as coisas do mundo; entre ele e seus semelhantes; entre ele e seu inconsciente, no diálogo mais profundo que o Museu pode promover”. (SOARES, 2012, p. 14).

Diante dessa nova perspectiva da museologia enquanto fenômeno, podemos perceber que não descartamos os objetos como se eles não fizessem parte desse novo conceito, mas diferentemente dos museus tradicionais ou institucionais podemos agora ter como prioridade as relações que permeiam esse novo fazer museológico.

Os objetos se tornam importantes suportes; tanto suportes para a memória, para as relações, para um novo olhar sobre a museologia; suporte para o que há de mais belo; a subjetividade.

Essa subjetividade se faz presente através desse olhar museológico, buscando amparo no fenômeno; uma vez que ele permite a transcendência, nos oferecendo outro mundo, outras experiências e outras maneiras de entendimento; até mesmo porque aquele dado objeto foi selecionado dentre tantos outros para representar determinada sociedade, nos fazendo ainda compreender porque a comunidade que dele faz parte, selecionou, preserva e comunica esse objeto, levando em consideração o homem x objeto x cenário.

A musealização, nesse sentido, está ligada diretamente ao ato de preservar, conforme podemos evidenciar nas palavras de Cury,

“A musealização está estreitamente ligada à preservação: musealizamos porque damos valor à poesia que está nas coisas e as preservamos porque queremos guardá-las – as coisas que detém a poesia que valorizamos – como referências. Assim, tanto a musealização quanto a preservação são atitudes compromissadas com o interrogar. Durante séculos, esse compromisso esteve a cargo de alguns poucos (coleccionadores, curadores, conservadores) e dos museus (como centralizadores de valores culturais). Hoje defendemos a participação da sociedade nos processos de musealização do patrimônio cultural, como forma de cidadania”. (CURY, 2005, p. 31 e 32).

Portanto esses processos museais, sejam eles a seleção, a salvaguarda e a comunicação estão diretamente ligados a musealização, e todos eles se desenvolvem num determinado cenário, envolvendo relações sociais estabelecidas por e pelo intermédio dos homens ao valorizarem e selecionarem parte de seu patrimônio enquanto herança cultural ou pelo menos enquanto indicador da memória dos sujeitos envolvidos nesses processos. Poderemos classificar ou não isso como museu, uma vez que isso irá depender da própria sociedade enquanto parte integrante desse cenário e que detém esse patrimônio. Entretanto, para nós pesquisadores dos museus e da museologia temos diante desse contexto os instrumentais necessários para entender e estudar a museologia fenômeno.

1.2 BREVE HISTÓRICO SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS MUSEUS E A FORMAÇÃO DAS PRIMEIRAS COLEÇÕES

Neste sub-capítulo, iremos abordar como se formaram as primeiras coleções procurando demonstrar porque ao longo da história as pessoas colecionam, e o que as motiva para isso, ao mesmo tempo, buscar entender as relações estabelecidas com esse ato de colecionar, tais como as relações do visível com o invisível e a manutenção da memória como essência dos processos museais sejam eles a seleção, a salvaguarda e a comunicação. Além disso, vamos relatar de forma bastante sucinta como se organizaram os primeiros museus.

Para desenvolver esses temas utilizaremos Pomian para nos auxiliar no conceito do que seria uma coleção, e as relações estabelecidas para com os objetos tendo como parâmetro o ato de colecionar, assim como a relação do visível e do invisível. Maria Cristina Bruno e Ulpiano Bezerra de Menezes nos permitem entender o contexto de como se formaram as primeiras coleções e do porque muitas delas estarem atreladas ao nascimento das instituições museais. Em Marques e Silveira encontramos um referencial sobre a motivação que leva as pessoas a formarem coleções, e a ainda sobre a organização dos primeiros museus estaremos utilizando como referência Marlene Suano, Letícia Julião, Mário Chagas, Teresa Scheiner, entre outros.

Desde os primeiros tempos os homens são por excelência colecionadores. Neste sentido, uma referência interessante pode ser encontrada em Pomian quando ele afirma que,

“a história dos artefactos começa há cerca de três milhões de anos. Tal é, com efeito, a data atribuída pelos paleontologistas aos utensílios mais antigos recolhidos à superfície, enquanto que a idade dos que foram encontrados em localidades supera os 2 500 000 anos. Os utensílios aparecem de repente em grande abundância; podem ser classificados num certo número de tipos; estes tipos podem ser reproduzidos em muitíssimos exemplares. O homem (entendido que este termo se aplica aqui a todos os representantes do gênero *Homo*) é desde a origem um produtor de coisas: de utensílios, mas também de habitações, as mais antigas das quais foram descobertas em Olduvai (Tanzânia)...”. (POMIAN, 1997, p. 69-70)

A respeito da formação das primeiras coleções, e de como o homem seleciona partes de seu universo para representá-lo, podem ser percebidas de acordo com a citação acima, uma vez que elas têm início paralelamente a história da humanidade.

Maria Cristina Bruno ao se referir aos primeiros processos de hominização, nos aponta que,

“Considerando que a percepção da musealidade pode ser identificada desde os primeiros momentos do processo de hominização, quando os grupos humanos selecionavam e retiravam fragmentos da realidade (como por exemplo, vestígios arqueológicos) para a sua proteção e guarda e também registravam em pinturas e gravuras as suas interpretações dessa mesma realidade, preservando-as, é possível identificar que o embrião dos processos de musealização foi contemporâneo ao período pré-histórico e acompanhou esses grupos humanos pelas complexas rotas de ocupação de diferentes territórios”. (BRUNO, 2006, p. 122-123).

Diante disso, entendemos que desde os primórdios, os homens selecionam parcelas do real para que estas os representem ou meramente os fizessem lembrar sobre os feitos realizados na comunidade na qual estavam inseridos.

Dessa forma, precisamos reconhecer que as sociedades humanas há milênios adquiriram o hábito de observar, selecionar, expor e salvaguardar coisas, dando origem ao ato do colecionismo, o que posteriormente gerou os surgimentos dos primeiros museus, os quais se constituíram tendo como base a agregação de variadas e infinitas coleções em vários e diferentes países do mundo.

Maria Cristina Bruno nos afirma que “não podemos deixar de refletir sobre a importância do ato de colecionar, que preservou para o futuro, fragmentos da vida humana”. (BRUNO, 1992, p.27). Assim não podemos deixar de levar em consideração a importância que o ato de colecionar tem para o homem e de como isso interferiu para a criação das instituições museológicas. Uma vez que, de acordo com essa autora, os modelos de museu que temos hoje surgiram por intermédio de um conjunto de coleções que se formaram ao longo dos séculos;

“Tendo sua origem no colecionismo dos antiquários, dos gabinetes de curiosidades e galerias de arte, este modelo de instituição que chegou até nós, representa uma das possibilidades de tratamento e transmissão da herança patrimonial e dá sustentação as estratégias para administração da memória”. (BRUNO, 1992, p. 27)

Em consonância com essa citação entendemos que as pessoas colecionam porque desejam manter preservadas parcelas do real que as possa representar, pois a vida humana é finita, e os objetos incorporam então essa tarefa de perpetuação da história. As autoras assim se referem a esse fenômeno do colecionismo,

“Entender o fenômeno da coleção impõe o recurso imprescindível à psicologia humana. Colecionar é ao mesmo tempo possuir e preservar aquilo que desejamos, que valorizamos, que acreditamos não dever ficar esquecido, salvar da morte”. (MARQUES e SILVEIRA, 2005, p. 51)

Assim, alguns objetos pré-selecionados como importantes para um grupo de pessoas; e que nesse mundo deixam de cumprir com a sua função de uso e se deslocam para uma coleção, passam a partir desse instante, a fazer parte de um mundo diferenciado, um mundo de contemplação e guarda; os quais ao mesmo tempo, comunicam uma história.

Maria Cristina Bruno permite-nos entender então que as formações das coleções estão associadas a dois mundos, sejam eles o visível e o invisível, dessa forma para a autora, “as coleções, então, teriam sido formadas e continuam sendo constituídas para ligar o visível (material, objetual) ao invisível (regional, universal) no tempo e no espaço”. (1992, p.27).

Sobre os objetos e as representações que nele estão incorporadas, podemos tomar como exemplo um conjunto de armas, as quais ao serem expostas em um museu, se encontram ali como forma de representação; uma vez que não poderão mais ser utilizadas, ou seja, não se puxará mais o gatilho para espantar um bando de pombos e nem mesmo os soldados em vigília dela farão uso, pois esse conjunto pertence agora à contemplação, preservação e à admiração.

Precisamos entender o museu então como sendo por excelência o espaço da representação do mundo, dos seres, das coisas, das relações; ele não é o único espaço, existem outros, entretanto percebemos de acordo com Ulpiano que,

“não há como recriar os ritmos da vida no museu: é a representação que nos serve. E é por isso mesmo que podem existir armas nos museus, porque elas não estão lá para a defesa ou ataque. Caso contrário, a polícia as consideraria como arsenais. Ainda que num museu do telefone todos os aparelhos estejam em condições de uso, não vou a ele para providenciar uma comunicação telefônica. Da mesma forma, não corro até um museu do relógio, para saber ou confirmar a hora certa. No museu, o telefone, o

relógio, não se definem mais por seu valor de uso, não mais artefatos que permitem comunicação à distância ou a marcação do tempo: são artefatos (documentos) que informam sobre tais artefatos utilitários”. (MENESES, 2002, p. 23-24)

Evidenciamos então que as coleções surgem mediante o recolhimento de coisas ou objetos que saem de sua utilidade cotidiana, se distanciam das atividades econômicas ou de utilização propriamente dita e permanecem sob uma ótica da representação. Semelhantemente, Ulpiano, nos diz que “representar significa, ao mesmo tempo, tornar presente o que está ausente, mas pela própria presença da ausência, acentuar a ausência”. (MENESES, 2002, p.24). E de acordo com essas palavras o museu não reproduz a vida, ele é parte da vida, atendendo as necessidades da representação como coloca o mesmo autor.

Dentro desse trabalho, exemplificaremos também o que é uma coleção propriamente dita, e nesse sentido, recorreremos a Pomian, o qual assim a define: “uma coleção é qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das actividades económicas, sujeitos a uma protecção especial [...] e expostos ao olhar do público”. (POMIAN, 1997, p.53).

Assim, ao estudar uma determinada coleção ou grupos de colecionadores necessitamos perceber a motivação que move tal ato. E que esta, muitas vezes, reside no fato de que as preferências pessoais também se fazem presentes. Nesse caso precisamos analisar todo o contexto e investigar de que maneira se formou determinada coleção, como e porque ela está inserida em um cenário específico, diante disse Pomian, nos permite observar que,

“um estudo das coleções não pode fechar-se no quadro conceptual de uma psicologia individual que explica tudo utilizando como referências noções como o gosto, o interesse ou ainda o prazer estético. É exactamente o facto de o gosto se dirigir para certos objetos e não para outros, de se interessar por isto e não por aquilo, de determinadas obras serem fonte de prazer, que deve ser explicado. Os caracteres dos indivíduos, a sua maior ou menor sensibilidade, são importantes apenas na medida em que a organização da sociedade deixa um espaço livre ao jogo das diferenças individuais”.(POMIAN, 1997, p.75)

O olhar por parte do observador também necessita ser levado em consideração, pois podemos perceber que para quem olha determinado objeto, admira-o por curiosidade, espanto, ou até mesmo porque provocam uma sensação

de assombro em especial quando estão diante de artefatos exóticos ou objetos um tanto diferenciados do cotidiano do observador.

Outra questão que necessita um maior entendimento diz respeito ao porque das pessoas organizarem uma coleção. Nesse sentido percebemos que os indivíduos que detêm determinado conjunto de objetos sentem-se responsáveis por eles, e na sua consciência se tornam os guardiões desses tesouros; passando a desenvolver um instinto de propriedade. Outras pessoas, entretanto, já tem a aptidão para acumular coisas.

Esse instinto de acumular é próprio do ser humano, um exemplo claro e que faz parte de nossa vida, pode ser observada quando ao viajarmos, por exemplo, temos a necessidade de trazer conosco uma lembrança desse lugar, seja para nós mesmos, seja para alguém de nossa estima. Outras vezes ser possuidor ou herdar determinado conjunto de objetos representa prestígio social e/ou poder econômico.

Marques e Silveira ao escreverem sobre o hábito de colecionar citam Benjamim (1987), e, de acordo com esse autor, “a arte de colecionar diz respeito ao desejo pela vida, pela permanência, pela imortalidade: não são as coisas que vivem dentro do colecionador, ele é que vive dentro delas”. Considerando a ideia de ser a coleção uma forma de apossar-se do mundo – não se possui apenas o objeto, mas todo um emaranhado de significados, práticas, vivências a ele inextricavelmente ligados. (MARQUES e SILVEIRA, 2005, p. 51).

Precisamos levar em consideração também as relações presentes nos artefatos, e de como a presença de determinado objeto em uma coleção só pode ser explicada entendendo a conexão apresentada entre o visível e o invisível. E para isso, necessitamos estar atentos para o fato de que as coleções são como pontes de comunicação entre esse mundo visível e o invisível, ou dito de outra forma, os objetos acumulados em uma coleção são os intermediários na comunicação entre os espectadores que os olham e o invisível.

Mas para que essa comunicação aconteça entre o mundo visível através dos espectadores e o mundo invisível, é necessário que os objetos da coleção (que estão fora do circuito das atividades econômicas e utilitárias), estejam expostos ao olhar, sejam visíveis para que esse grupo não deixe as suas memórias se esvaziarem ou repousarem no esquecimento, nesse sentido o autor assim se refere,

“Constata-se então que os objetos não podem assegurar a comunicação entre os dois mundos sem serem expostos ao olhar de seus respectivos habitantes. Só se está condição for satisfeita é que se tornam intermediários entre aqueles que os olham e o mundo que representam”. (POMIAN, 1997, p. 66).

Por estarmos nos referindo ao visível e ao invisível, podemos dizer que o visível seria tudo aquilo que os olhos visualizam rapidamente, e o invisível, o que não pode ser percebido diretamente sob o foco de um primeiro olhar. Sendo este invisível, algo que vai além e repousa na abstração, na evocação de um mundo que não se faz presente visivelmente naquele instante, por entendermos que o objeto não fala sobre si mesmo. Em outras palavras, Pomian assim se refere a essa representação dos objetos, “são intermediários entre o espectador que os olha e o invisível de onde veem”. (POMIAN, 1997, p. 64).

Mas porque precisamos falar e citar esses dois mundos quando falamos de objetos presentes em uma coleção, seja dentro de um museu, seja num determinado território? Precisamos elencar essas duas abordagens uma vez que o mundo visível é o mundo no qual vivemos, para o qual olhamos, nos referindo aos objetos e, outras vezes com eles interagimos. Nesse caso estamos nos referindo ao mundo acessível diretamente pelo tato, pelo olhar e pela comunicação.

Entretanto, precisamos também nos referir ao mundo invisível, ou seja, ao que não está visível, é o mundo que está longe de nós no espaço e no tempo, nos remetendo a outros contextos e para outras histórias.

Diante dessa oposição entre o mundo visível e o invisível; o autor assim denomina o mundo invisível,

“o invisível é o que está muito longe no espaço: além do horizonte, mas também muito alto ou muito baixo. E é aquilo que está muito longe no tempo: no passado e no futuro. Além disso, é o que está para lá de qualquer espaço físico, de qualquer extensão, ou num espaço dotado de uma estrutura de facto particular”. (POMIAN, 1997, p.66).

Nessa percepção diante do invisível, o que precisamos levar em consideração reside no fato de o que importa com determinado objeto, por exemplo, é mostrar ou exibir as consequências dessa alteração na vida geral dos homens. Conforme nos relata Pomian, “a recolha e, sobretudo, a produção de objetos que representem o invisível testemunham a emergência da cultura no próprio sentido do termo”. (POMIAN, 1997, p.71).

Dito dessa forma, percebemos que para entendermos determinado conjunto de objetos em um contexto específico e diferente do habitual, seja uma coleção peculiar, ou um lugar com características próprias, precisamos buscar um entendimento sobre qual a importância que esses objetos tem para com a comunidade, e que tipo de relações são estabelecidas por, e através daquela coleção.

Assim as coleções são os instrumentais visíveis que temos em nosso mundo e para os quais precisamos muitas vezes elaborar perguntas, nas quais as respostas se encontram na sociedade instituída ao redor daqueles objetos, ou seja, na sociedade para a qual em primeiro lugar aqueles objetos possuem importância.

Nesse mesmo sentido, colaboram as palavras do autor, quando ele afirma que “as coleções são apenas uma componente daquele leque de meios usados para assegurar a comunicação entre os dois mundos, a unidade do universo”. (POMIAN, 1997, p.67). O mesmo autor nos relata ainda que,

o número de objetos que formam a coleção depende do local em que se acumulam, do estado da sociedade, das suas técnicas e modo de vida, da sua capacidade de produzir e acumular o excedente, da importância que se atribui à comunicação entre o visível e o invisível por intermédio do objetos. (POMIAN, 1997, p. 67)

Esse ato de selecionar determinados objetos em detrimento de outros, tem um significado interessante, que pode ser observado dentro dos processos museais, porque nem tudo é musealizável, apenas alguns objetos que saem de seu caráter utilitário e passam por um processo de seleção e valorização, podem ser elencados como representantes de determinadas comunidade.

Essa seleção é uma das primeiras etapas que permitem ser processado um dos primeiros eixos da musealização, de acordo com o autor,

“coleccionar implica ordem, seriação, sistematização, conservação e informação e sem informação, as coleções são como embarcações sem rumo. Colecionar é dar vida nova aos objetos ao agir com os mesmos ou com as suas representações: réplicas, documentação e informação”. (Anciães, 2005, p.132).

Além da seleção, a salvaguarda também nos faz compreender porque determinados conjuntos de objetos são mantidos, protegidos e conservados por determinado grupo, dessa forma, entendemos que a preservação ou salvaguarda, é outro elemento dentro do processo de musealização, de acordo com a afirmação de Guarnieri,

a musealização e o ato de musealizar, é um processo que integra preservação e comunicação, isto porque, a documentalidade refere-se a ensinar algo a, logicamente, a alguém. Como testemunho, o objeto deve ser preservado: preservar para ensinar, preservar para comunicar. (GUARNIERI apud CURY, 2005, p.25).

Um terceiro elemento, e tão importante quanto a seleção e a salvaguarda, necessário de ser evidenciado dentro dos processos museais diz respeito a comunicação, uma vez que ela nos permite entender porque determinado discurso é perpetuado dentro de uma sociedade, e evidencia de que forma aquela dada sociedade comunica a sua história com e através daquele objeto. Nesse sentido, Chagas se reporta a esses três elementos fundamentais para que se estudem os processos museais, sejam eles a seleção, a salvaguarda e a comunicação,

“Selecionar, reunir, guardar e expor coisas num determinado espaço, projetando-as de um tempo num outro tempo, com o objetivo de evocar lembranças, exemplificar e inspirar comportamentos, realizar estudos e desenvolver determinadas narrativas, parecem constituir as ações que, num primeiro momento, estariam nas raízes dessas práticas sociais a que se convencionou chamar museus. (CHAGAS apud CURY, 2005, p. 25)

Ao se referir e justificar porque alguns objetos são musealizáveis e passíveis de sofrerem estudos e interpretações, observa-se que,

“As coisas assim selecionadas, reunidas e expostas ao olhar (no sentido metafórico do termo) adquiriram novos significados e funções, anteriormente não previstos. Essa inflexão é uma das características marcantes do denominado processo de musealização que, grosso modo é dispositivo de caráter seletivo e político, impregnado de subjetividades, vinculado a uma intencionalidade representacional e a um jogo de atribuições de valores socioculturais. Em termos: do imensurável universo do museável (tudo aquilo que é passível de ser incorporado a um museu), apenas algumas coisas, a que se atribuem qualidades distintas, serão destacadas e musealizadas. Essas qualidades distintivas podem ser identificadas como: documentalidade, testemunhalidade, autenticidade, raridade, beleza, riqueza, curiosidade, antiguidade, exotividade, excepcionalidade, banalidade, falsidade, simplicidade e outras não previstas”. (CHAGAS apud CURY, 2005, p.25)

A partir desse momento do trabalho, após termos apresentado as três operações presentes nos processos museais sejam eles a seleção, a salvaguarda e a comunicação; iremos relatar sobre as várias tipologias de coleções que podem ser elencadas ao longo da história, desde o seu surgimento nos primeiros tempos, tais como: o mobiliário funerário, as oferendas, os presentes e despojos, as relíquias e objetos sagrados, os tesouros principescos, os exemplares da natureza, as obras de arte, entre outros. Sobre essas primeiras coleções, podemos perceber que,

as chamadas coleções mencionadas diferem em quase todos os aspectos das contemporâneas, e também umas das outras. Não se formam nos mesmos locais, os objetos acumulados não têm nem um mesmo caráter nem uma mesma origem; os seus visitantes ou os espectadores não se comportam da mesma maneira”. (POMIAN, 1997, p.62)

Diante da variedade de tipologias de coleções, podemos enunciar que os surgimentos destas sempre estiveram associados a locais ou a determinados paradigmas científicos, conforme podemos observar nas literaturas que evidenciam o surgimento dos primeiros museus, e levando em consideração também o que motivou os homens a colecionarem e a guardarem essas coleções nos museus, Bruno nos afirma que os museus são,

“Herdeiros institucionais da atitude humana de colecionar objetos, até o início deste século, a atuação dos museus pautava-se pela necessidade imperiosa de coletar compulsivamente e de estudar, conservar e organizar o imenso número de objetos acumulados pelo homem através dos séculos”. (BRUNO, 1992, p. 27).

Desde a Grécia antiga já existiam locais de contemplação, admiração e reunião de diversos conjuntos de coleções. No Mouseion, a sociedade se reunia para meditar sob a inspiração das Musas, esquecendo os homens daquele período por alguns instantes de seus problemas e perturbações.

Nesse sentido os objetos ali reunidos tinham como objetivo primeiro agradar as divindades, as Musas, as quais na mitologia grega eram as filhas de Zeus. Em segundo lugar essas coleções serviam também para que os eruditos cultivassem uma série de estudos, muitos deles filosóficos. De acordo com a autora, “O mouseion era então esse lugar privilegiado, onde a mente repousava e onde o pensamento profundo e criativo, liberto dos problemas e aflições cotidianos, poderia se dedicar às artes e às ciências”. (Suano, 1986, p. 10).

Os romanos também foram conhecidos na antiguidade clássica como grandes colecionadores, obtendo uma extensa quantidade de objetos frutos das conquistas de guerra em vários territórios. Assim essas coleções romanas muito além de demonstrarem riqueza, ilustravam também o trunfo e o poder nas batalhas. O autor, assim se refere a respeito dessas coleções,

“Os despojos parecem estar na origem das coleções particulares em Roma [...] Foi só no tempo do Império que a moda de colecionar se difundiu a tal ponto que Vitruvius previa na planta da casa um lugar especial para os quadros e esculturas”. (POMIAN, 1997, p. 58)

Durante a Idade Média o colecionismo permaneceu dentro das catedrais e abadias, as quais se tornaram locais de contemplação e salvaguarda de muitos objetos. Foi mais precisamente durante o século XV que o termo museu surge novamente e através do cristianismo que pregava o desapego as coisas materiais e aos bens, a igreja se tornou mantenedora de muitas doações e possuidora de extensos tesouros, criando as condições necessárias para o poderio papal.

Assim a instrução religiosa naquele período era ministrada dentro das igrejas realizando a comunicação com a sociedade através de pinturas, esculturas, murais, vitrais entre outros. Colaboram nesse sentido, as palavras de Leticia Julião ao nos relatar que,

“Por volta do século XV o colecionismo tornou-se moda em toda a Europa. Nesse período, o homem vivia uma verdadeira revolução do olhar, resultado do espírito científico e humanista do Renascimento e da expansão marítima, que revelou à Europa um novo mundo”. (JULIÃO, 2006, p. 20)

O espírito científico e humanista do Renascimento e da expansão marítima revelaram à Europa um novo mundo, onde os objetos e obras de arte da antiguidade, assim como tesouros e curiosidades provenientes da América e da Ásia começaram a ser vistos como símbolos de poder e ostentação e, todos os países europeus começaram a acumular esses objetos nos gabinetes de curiosidades e nas coleções científicas. Maria Cristina Bruno sobre esse período do colecionismo assim nos relata,

“É possível afirmar que, do ponto de vista da história das ideias e mentalidades, a grande e mais forte herança que o colecionismo gerou está relacionada ao conceito de posse. A posse material e espiritual, o domínio não só das coisas, mas o poder de transformá-las em símbolos. Um poder pouco partilhado e quando o era, tinha a real função de demonstrar ostentação”. (BRUNO, 1999, p.43-44)

Durante os séculos XVIII a XIX, com o surgimento dos museus modernos, verificamos a transferência gradual em algumas coleções do privado para o público, ao mesmo tempo, as constantes mudanças ocorridas nas sociedades, juntamente com a formação dos Estados Nacionais, fizeram com que a instituição museu passasse por uma série de especializações, ou seja, várias coleções começaram a ser organizadas a partir de uma infinidade de critérios, nos quais muitos obedeciam aos progressos científicos elencados pelas concepções científicas dos séculos XVII e XVIII.

Por toda a Europa, a partir de então, construíram-se ou readequaram-se edifícios com a finalidade de colecionar, catalogar e expor, objetos de vários interesses, surgindo os museus nacionais de artes, de história natural, de arqueologia, de antropologia, além de muitos outros.

O modelo de museu que conhecemos hoje surge precisamente na conjuntura da Revolução Francesa, onde as instituições museais, nesse período, foram instrumentos da integração cultural, dito de outra forma, se tornaram organismos a serviço dos Estados uma vez que nesses espaços eram salvaguardados e expostos muitos objetos de referência nacional, com os quais a

população deveria se reconhecer, e ao mesmo tempo, estes se tornariam símbolos de identidade para aquela nação, além de representarem status e poderio para as nações que administravam esses acervos.

Essa proteção ao patrimônio instituído com e a partir das coleções, dentro do contexto da revolução francesa pode ser exemplificada de acordo com as palavras da autora,

“a proteção ao patrimônio francês, com a montagem de um aparato jurídico e técnico, teve origem nas instâncias revolucionárias, que anteciparam, através de decretos e instruções, procedimentos de preservação desenvolvidos posteriormente no século XIX: o primeiro é a transferência dos bens do clero, da Coroa e dos emigrados para a nação e o segundo é a destruição ideológica de que foi objeto uma parte desses bens, a partir de 1792...”. (CHOAY, 2001, p.97)

Com esses aparatos de proteção ao patrimônio se objetivava naquele país, utilizar os objetos como forma de fazer com que a população se sentisse representada através deles, e, de igual forma tinha-se como intenção instruir a nação e ao mesmo tempo propagar a história da França.

Dentro do mesmo contexto de nacionalização, os museus necessitavam apresentar uma infinidade de coleções que fossem capazes de fazer com que o povo se sentisse representado enquanto nação. Nesse sentido, os museus brasileiros apropriam-se desse discurso a partir do século XIX, como nos evidencia o autor,

“Após e durante o processo de independência, que se arrastou por alguns anos, a intelectualidade brasileira estava, de uma maneira geral, empenhada na construção ritual e simbólica da nação, problema que cem anos depois seria renovado e atingiria o clímax nos anos 20 e 30 do século em curso, e se imporia como um enigma para a atualidade”. (CHAGAS, 2006, p. 41)

Surgindo em meados da década de 30, uma infinidade de museus no Brasil, nos quais, a grande maioria tinha como intuito, através de suas coleções ensinar e complementar a instrução da sociedade brasileira, contendo em seus acervos: coleções de arte, de história natural, de arqueologia e antropologia; numa perspectiva de pensar o público enquanto mero receptor das informações, acompanhando os princípios educacionais daquele período, princípios estes que estavam embasados em sua maioria numa educação bancária e tradicional.

Dessa forma, percebemos que a criação de uma infinidade de museus por todo o mundo evidenciou que estes chegaram ao século XIX abarcando diferentes coleções, e com uma infinidade de conceitos tais como contemplação, templos de saber, local de aprendizado.

E outros tantos estando em fase de construção, demonstrando dessa forma, que muitas concepções dos séculos XVI-XIX, principalmente no Brasil, ainda se fazem presentes como a ideia de adquirir cada vez um número maior de acervos, problemas de receptividade de público, problemas estruturais, entre outros.

Entretanto, com a criação de órgãos reguladores como o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), a PNM (Política Nacional de Museus), o IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus), cursos de graduação e pós-graduação em museologia, legislações e decretos; podemos perceber que várias instituições estão se aperfeiçoando e alterando as suas formas de trabalho e organização.

Já a partir do século XX mediante o desenvolver das pesquisas, das publicações, da atuação de diversos teóricos, e através dos movimentos de renovação dos museus e da museologia, percebe-se que as formas e conceitos de museu se alteraram. Em outras palavras, o museu passa a não ser visto apenas como uma instituição fechada e organizada dentro de quatro paredes, seus limites se ampliam e suas funções e finalidades são amplamente discutidos em eventos e conferências organizadas em diferentes países. Conforme podemos perceber nas palavras do autor,

“O período de 1970-1980 conheceu uma proliferação de estabelecimentos, tendo culminado em um Movimento Internacional em favor de uma Nova Museologia (MINOM). No decorrer da década de 1990, na França, eleva-se acima de 250 o número de ecomuseus e museus de sociedade que vão dos museus das técnicas (Musées Du Chemin de fer ET de l'Automobile [Museus da Estrada de Ferro e do Automóvel] de Mulhouse) aos grandes museus regionais (Normandia, Bretanha, Dauphiné), passando por museus

de culturas urbanas (o ecomuseu de Fresnes, de Saint-Quentin-em-Yvelines) ou por verdadeiros parques ao ar livre, tal como Ungersheim.” (POULOT, 2013, p.56).

Os museus se compõem de diferentes espaços, com diversas interpretações e apresentações, entretanto, eles se inter-relacionam por intermédio da sociedade estabelecida por meio de um conjunto de objetos, formando, salvaguardando e comunicando determinada coleção, a qual embora não pertença à um museu institucionalizado, se manifesta enquanto fenômeno. Em consonância com esse pensamento a autora nos evidencia as dimensões constantes dentro dessa perspectiva de museu;

“Essas dimensões não são necessariamente consideradas ou trabalhadas em separado, podendo articular-se das mais diversas formas, de acordo com cada representação do fenômeno. E levam-nos também a verificar que a atividade museológica pode desenvolver-se não apenas naqueles lugares tradicionalmente reconhecidos como museus, mas também em qualquer espaço ou esfera simbólica onde o humano se haja integrado à natureza, para produzir cultura”. (SCHEINER, 2008, p. 42).

As diferentes representações de museus vêm ganhando força desde meados do século XX, surgindo diversos conceitos para os museus tais como: museus exploratórios, museus de território, museus a céu aberto, museu integral, ecomuseu, nos quais os contextos se ampliam e aparecem novos olhares e perspectivas de estudos. A instituição não é o mais importante, mas sim, as relações sociais estabelecidas em conjunto com as sociedades, e a novas formas de estudar os fenômenos museais, procurando adotar metodologias distintas das tradicionais.

Ainda de acordo com essa perspectiva de pensar o museu, a autora assim se posiciona,

“o estudo da trajetória do Museu como representação nos mostra que ele vem sendo entendido, simultaneamente como: espaço físico ou geográfico (território, espaço aberto ou edificação), contendo registros materiais (móveis e imóveis) ou imateriais de patrimônio; espaço intelectual de criação e produção de cultura (incluindo-se aqui os espaços imaginários, que configuram o que se poderia denominar o museu interior); espaço de exploração, investigação e experimentação; espaço de preservação de registros da memória humana e do planeta”. (SCHEINER, 2008, p. 41-42)

Portanto percebemos que as formas de entender os museus e de como eles se organizaram ao longo dos séculos se alteraram e permitiram que novas metodologias pudessem ser pensadas, nos quais as coleções permitem vários estudos, uma vez que desde as primeiras manifestações humanas os homens elencaram objetos significativos para os representarem, assim, novos olhares podem ser tecidos tendo como base os processos museais, sejam eles a seleção, a salvaguarda e a comunicação.

2 MUSEU FENÔMENO: COMPREENDENDO ESSE CONCEITO AO ANALISAR AS RELAÇÕES ESTABELECIDAS ENTRE OS OBJETOS EXPOSTOS NA PRAÇA CENTRAL E OS MORADORES DA COMUNIDADE DA VILA MINAS DO CAMAQUÃ

Neste segundo capítulo, em um primeiro momento, iremos apresentar a localização das Minas do Camaquã bem como uma breve contextualização de como surge a vila, assim como as empresas mineradoras que se instalaram nesse espaço.

Neste capítulo também apresentaremos os objetos presentes na praça central, os quais se constituem de maquinários oriundos da mineração de cobre explorada durante muitos anos na região denominada de Minas do Camaquã. Esses maquinários se constituem de ferramentas de trabalho utilizadas na exploração do minério, entre eles podem ser encontrados a locomotiva com suas vagonetas; a carregadeira pneumática; a locomotiva à diesel; a bomba de combustível; a bomba de drenagem; a patrula. E ainda o monumento ao mineiro, o qual foi inserido posteriormente naquele espaço. Lembrando ainda que esses maquinários se diferenciam de acordo com cada grupo que administrava a empresa³.

Por intermédio desses objetos procuramos entender quais as relações que se fazem presentes entre estes e a comunidade, da mesma forma investigar porque esses maquinários foram colocados na praça central; como são preservados; o que eles comunicam; e o que esses maquinários podem revelar sobre o trabalho minerador; utilizando basicamente como ferramenta de investigação as entrevistas.

Já no segundo momento, abordamos a metodologia; a qual foi desenvolvida em forma de entrevistas com o objetivo de serem aplicadas aos moradores da vila. Através dessas entrevistas pretendemos investigar a museologia enquanto fenômeno, analisando como o princípio da musealidade pode ser pensado diante desse espaço, e se a maneira como a comunidade os selecionou, preserva e

³ Os equipamentos se diferenciavam em sua utilização de acordo com cada período e grupo de empresários que administraram a mina de cobre, informação obtida mediante conversa com os moradores da vila e pelas entrevistas que foram realizadas com esses moradores.

comunica podem equivaler aos processos museais (seleção, a salvaguarda e a comunicação). Dessa forma, através dessas entrevistas podemos entender como as relações entre os objetos e a comunidade é processada, e que aliada a bibliografia discutida no capítulo 1 nos permitiram compreender a museologia fenômeno nesse espaço.

2.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA, LOCALIZAÇÃO DA VILA E OS OBJETOS INDICADORES DE MEMÓRIA

A localidade que hoje denominamos como vila Minas do Camaquã, antes da descoberta dos minérios era conhecida como Passo do Caçõ. Hoje a vila se enquadra no 3º distrito de Caçapava do Sul, Rio Grande do Sul, conforme podemos observar no mapa 01.

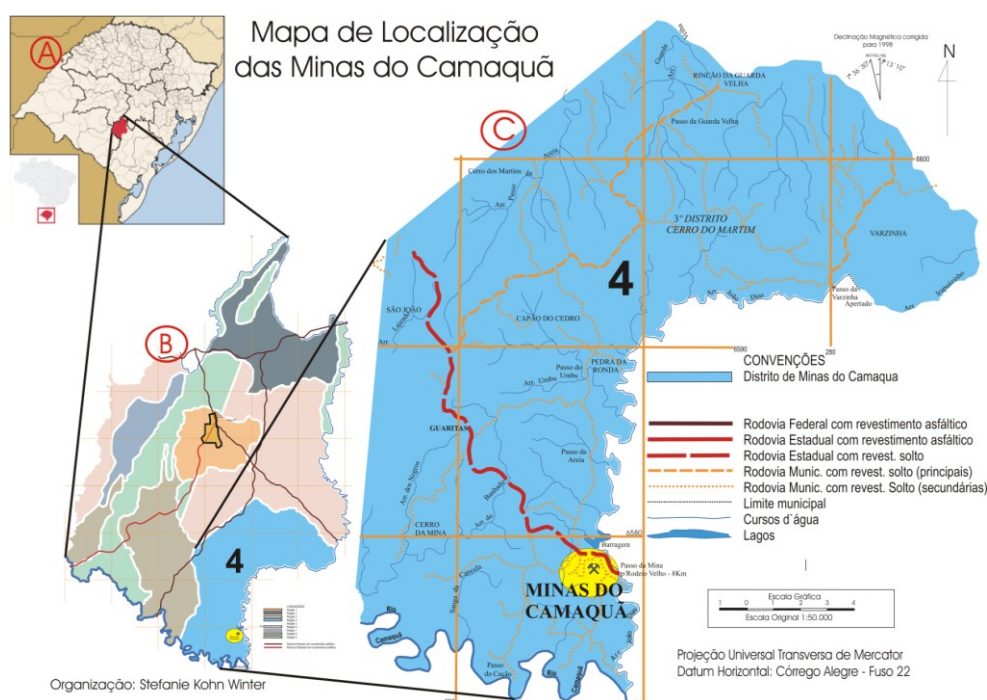


Figura: (A) Localização do Estado do RS no Brasil, (B) localização do Município de Caçapava do Sul no RS, (C) localização do distrito de Minas do Camaquã no município de Caçapava do Sul e em perspectiva a localização da vila sede das Minas do Camaquã.

Figura 1: Localização da vila Minas do Camaquã

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

A vila teve seu desenvolvimento e crescimento oriundo da descoberta de jazidas de cobre em seu subsolo. Inicialmente as explorações se deram por grupos

estrangeiros, entre eles podemos mencionar os Ingleses; os quais criaram a infraestrutura inicial, abrindo galerias, para a retirada do minério, conforme afirma o autor,

“a The Rio Grand Gold Mining empresa inglesa, firmaria um “acordo” de mineração até o ano de 1887, quando encerrou sua atividade, deixando apenas seu rastro de destruição - a Galeria dos Ingleses, no flanco leste do cerro João Dias. Nos anos que se seguiram, as Minas do Camaquã foram exploradas por nações europeias”. (SILVA, 2008, p. 39).

Logo em seguida, a concessão da exploração passou para um grupo de empresários alemães. Posteriormente, mediante uma nova investida de um grupo Belga, as atividades de mineração intensificaram-se mediante novos trabalhos subterrâneos e da instalação de uma usina de concentração do minério. Tendo início também a construção de uma barragem no arroio João Dias, visando o fornecimento de energia para o empreendimento, conforme escreve o autor,

“Os alemães em 1887, e os belgas em 1899, deixaram suas marcas na região. Em ambas as explorações, pode-se observar investimentos tecnológicos. Os alemães teriam construído, durante a sua estada, um forno junto a Pedra do Engenho, aumentando a sua produtividade. Já com os belgas, os investimentos foram mais altos, “tempos de muito progresso”, construíram uma barragem para obtenção de energia elétrica”. (SILVA, 2008, p. 39)

Com a crise mundial de 1929, o governo brasileiro busca a diversificação da economia, até então baseada na produção agrícola voltada para a exportação. Elabora uma legislação mineral e institui órgãos como o DNPM (Departamento Nacional de Produção Mineral), ficando este responsável por controlar as atividades de mineração no Brasil.

Em 1942, funda-se a CBC (Companhia Brasileira do Cobre) resultado de pesquisas implementadas pelo DNPM, constituindo-se uma empresa de capital misto, entre o Estado do Rio Grande do Sul e a Laminação Nacional de Metais Ltda de Francisco Pignatari, dividindo o controle acionário. De acordo com o autor,

Conforme o desejo do Presidente, no dia 2 de setembro de 1942 foi constituída a Companhia Brasileira do Cobre com sede social em Porto Alegre. Como previsto, o contrato foi assinado pelos dois interventores, cada um em sua capital. No dia 22 de outubro, Getúlio autorizou a exploração das Minas do Camaquã, em Caçapava do Sul, pela companhia recém formada. A Companhia Brasileira do Cobre adquiriu a propriedade do solo sobre uma área de 348 hectares. Nela incluía o cerro João Dias, parte do arroio de mesmo nome, e demais instalações mineiras que haviam sobrevivido ao tempo. (MACEDO et al, 2006, p.71).

Entre meados da década 50 até meados da década de 70 do século XX o grupo Pignatari passa a controlar a CBC. Após esse período as ações da empresa são vendidas ao governo federal. No momento em que a mineração se torna estatal, impulsionada pelo BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Social), através de sua subsidiária a FIBASE (Insumos Básicos S/A Financiamentos e Participações) novas pesquisas foram realizadas, intensificando-se a mineração de cobre no Estado. O autor assim se refere,

Em 1974, o controle acionário da CBC, é adquirido pelo Banco Nacional de desenvolvimento, BNDES e Financiamento de Insumos Básicos FIBASE. Em dezembro de 1975, quando a condição deficitária da lavra se somou a desativação da única metalúrgica que utilizava o concentrado de cobre produzido nas Minas do Camaquã, foram suspensas as atividades de lavra a fim de se concentrar esforços na pesquisa geológica. (SILVA, 2008, p. 85)

Mediante um novo projeto de investimento nas Minas do Camaquã, as atividades seguiram por mais alguns anos, nesse sentido colaboram as palavras de Silva ao relatar que,

“Neste contexto, foi criado em 1976 o Projeto “Expansão Camaquã” reavaliando as reservas existentes nas minas Uruguai e São Luis. O estudo e prospecção destas reservas surgiam como uma importante oportunidade de revitalizar a extração do cobre nas Minas do Camaquã”. (SILVA, 2008, p. 86).

Com o fechamento das atividades da CBC, a mineração foi assumida através de um leilão por uma *Holding*⁴ administrada pelos próprios funcionários da

⁴ *Holding*: termo utilizado para se referir ao grupo de acionistas que dirigiam a mina de cobre nesse período.

empresa que formaram a associação e utilizaram suas indenizações para se tornarem sócios na empresa e negociaram com o BNDES a compra das ações. Ronchi e Lobato assim se referem sobre a formação dessa nova forma de administração,

“um protocolo de intenções foi assinado com o BNDES, comprometendo-se os empregados a constituir uma *holding*...dos 960 empregados na época, 408 aderiram ao protocolo de intenções e criaram uma holding designada, por fim, como Bom Jardim S/A, constituindo-se este nome numa alusão à estrutura geológica da região”. (RONCHI e LOBATO, 2000, p. 46-47)

A empresa administrada conseguiu manter as atividades de lavra até meados da década de noventa, quando então se encerrou a mineração de cobre e a população que permanece na vila re-organiza as suas vidas diante do novo cenário instalado. Logo em seguida acontece o processo de liquidação da empresa, conforme relatam os autores,

“A holding Bom Jardim continuou com a mineração de cobre até o esgotamento total de suas jazidas, em abril de 1996...o processo de liquidação foi administrado pelo geólogo Nilson Torres Dorneles, em consonância com as deliberações da assembleia geral extraordinária de 31 de março de 1997 que definiu o modo de liquidação”. (RONCHI e LOBATO, 2000, p. 48).

De acordo com relatos dos moradores mediante os depoimentos nas entrevistas, os objetos, frutos de investigação de nosso trabalho, foram transferidos da área da CBC para o contexto da praça em meados da década de noventa do século XX, em comemoração ao Cinquentenário da CBC, conforme ilustra a fotografia abaixo.



Figura 2: Cinquentenário da CBC
Fonte: arquivo Cemamc

Dessa forma, os maquinários passam a integrar a composição urbano-arquitetônica da praça central (figura 03), juntamente com o prédio do cinema, em consonância com o que afirmam os autores,

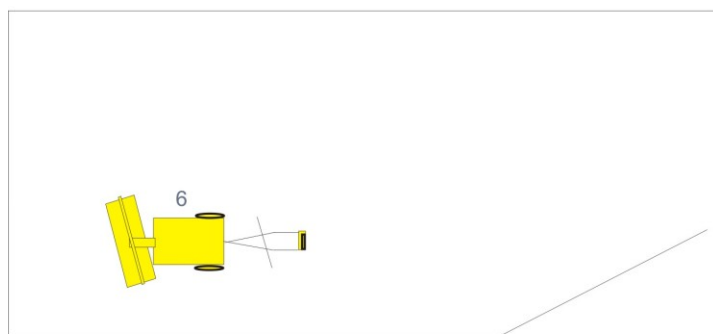
“o espaço criado pelo cinema em sua relação com a praça, na qual, vagonetes, como esculturas, nos lembram a existência das minas próximas...esse cenário nos transporta para longe do estereótipo de uma vila no interior do Rio Grande do Sul”. (RONCHI e LOBATO, 2000, p. 65).



Figura 3: Praça Central da Vila

Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

Esses maquinários, a partir daquele momento continuam a fazer parte do cotidiano desses moradores, não mais como instrumentos de trabalho, mas como objetos indicadores de memória, uma vez que perderam a sua utilidade original; passaram agora a fazer parte de um novo contexto, seja ele de fruição, de contemplação, de representação, enfim como suporte de memória. Essa nova forma de ver e entender esses objetos serão aprofundados nos sub capítulos 2.2 e 2.3, podendo ser visualizados e identificados de acordo com a figura 04.



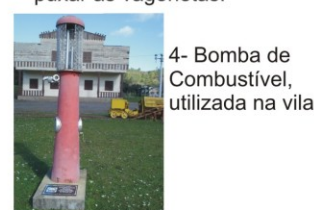
1- Locomotiva à bateria utilizada no período dos Ingleses para puxar as vagonetas.



2- Carregadeira Pneumática utilizada para carregar o minério até as vagonetas.



3- Locomotiva à diesel, utilizada no período dos Belgas para puxar as vagonetas.



4- Bomba de Combustível, utilizada na vila.



5- Bomba de Drenagem utilizada na mina do Seival.



6- Patrola ou Rolo Compressor, movido à vapor, utilizado para compactar o solo, tendo em anexo uma plaina.



7- Monumento ao Mineiro, colocado na praça no ano de 2006.

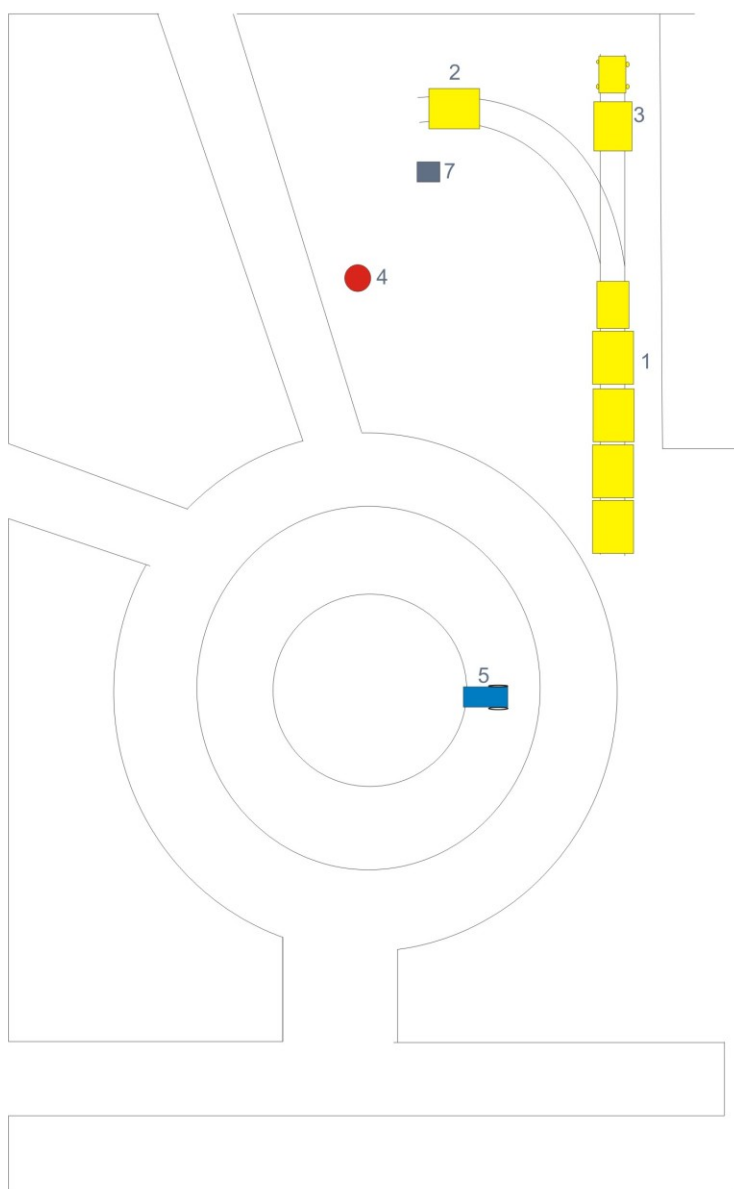


Figura 4: Disposição dos Objetos na Praça
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

2.2 CAMINHOS PERCORRIDOS: MÉTODOS UTILIZADOS

Para sistematizar esse trabalho estaremos nos utilizando da pesquisa qualitativa, a qual nas palavras de Minayo, “se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”. (1994, p. 22). Continua a autora afirmando que esse modelo de pesquisa,

[...] trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, p. 22).

O escopo teórico nos permitiu entender as relações estabelecidas na vila por intermédio dos conceitos utilizados no capítulo um. Além disso, em termos de coleta de dados, servimo-nos também de outros instrumentais metodológicos como o trabalho de campo, a observação e as entrevistas.

O trabalho de campo especificamente, enquanto ferramenta de pesquisa permite ao pesquisador se aproximar dos moradores do lugar, com o intuito de investigar as relações estabelecidas naquela dada sociedade. Uma vez que ela nos ofereceu a oportunidade de conhecer o lugar, vivenciar aquele espaço e compreender as relações que as pessoas estabelecem com os objetos, conforme nos afirma a autora,

o trabalho de campo permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelecer uma interação com os atores que conformam a realidade e, assim, constrói um conhecimento empírico importantíssimo para quem faz pesquisa social. (MINAYO, 1994, 61).

Aliado a essa técnica do trabalho de campo, também utilizamos a observação de forma a entender os mecanismos que levaram a comunidade a elencar esses objetos; pois observamos a vida dessa comunidade em uma situação determinada, conforme afirma a autora, “definimos observação participante como um processo pelo qual o pesquisador se coloca como observador de uma situação

social, com a finalidade de realizar uma investigação científica”. (MINAYO, 1994, p. 70).

Por fim e não menos importante utilizamos as entrevistas com finalidade, as quais pretendem enfocar de forma muito específica, o tema em questão, deixando o entrevistado livre para responder ao questionamento proposto, mas caso ele se desvie do tema original o entrevistador necessita retomar a pergunta original. De acordo com o autor,

“este tipo de entrevista é bastante empregado em situações experimentais, com o objetivo de explorar a fundo alguma experiência vivida em condições precisas. Também é bastante utilizada com grupos de pessoas que passaram por uma experiência específica”. (GIL, 2008, p.112).

Nossa entrada em campo ocorreu nos dias 22 e 23 de junho de 2013. Nesses dois dias observamos o cotidiano daqueles moradores e concomitantemente realizamos as entrevistas, onde foram coletadas 22 amostras. Entretanto, visando fazer um recorte mais específico, selecionamos para a elaboração do trabalho somente as entrevistas com os moradores que efetivamente trabalharam na mineração. Totalizando dessa forma 15 entrevistas.

As entrevistas foram aplicadas as pessoas da comunidade com mais de 40 anos que tivessem residido ou trabalhado em algumas das fases da mineração, excluindo ainda desse universo os integrantes da associação de moradores e de sindicatos.⁵ Ao mesmo tempo, essas pessoas se tornaram interessantes de serem pesquisadas, pois são elas as protagonistas desse cenário chamado Minas do Camaquã.

Depois de termos ido a campo, verificamos que no universo das 15 entrevistas, todas elas eram homens, dos quais todos trabalharam nas empresas mineradoras com idades entre 46 a 81 anos; todos residentes na vila.

O roteiro de entrevistas era composto por alguns elementos de identificação tais como nome, idade, o tempo que residia nas minas, o período em que trabalhou

⁵ Excluímos de nosso universo de pesquisa os moradores representantes de sindicatos e associações uma vez que eles já possuem um discurso elaborado e formatado que não nos interessava nesse momento da pesquisa, por isso escolhemos pessoas comuns, residentes na vila e que tivessem de fato trabalhado em alguma das fases da mineração.

na mineração e qual a função que exercia, para dessa forma introduzir uma conversa inicial e levantar alguns dados importantes, para investigar quem de fato trabalhou na mineração. Conforme podemos evidenciar no quadro abaixo.

Entrevistado	Idade	Tempo que reside nas Minas	Período/anos trabalhados na mineração	Função Desempenhada
Elssom Moraes da Silva	60	22 anos	1974 a 1995	Serviços Gerais
Maria Barbosa Pereira	75	10 anos	Não trabalhou	-
Zalmira Moreira de Sena	76	05 anos	Não Trabalhou	-
Claudino Nunes Pereira	81	20 anos	10 anos	Serviços Gerais
Arvorino Teixeira de Oliveira	61	42 anos	1971 a 1973 e de 1975 a 1996	Soldador
Jeane Teixeira da Silva	41	13 anos	Não trabalhou	-
Clara Lima Luiz	54	+ 30 anos	Não trabalhou	-
Ernani Souza Luiz	60	44 anos	1969 a 1996	Servente, Mineiro e Vigilante
Enio da Silva Baltezan	63	43 anos	1971 a 1995	Carpinteiro, Serv. Gerais e topógrafo
Nicolau de Souza Teixeira	53	33 anos	13 anos	Almoxarifado
Vera Lucia Alves Trindade	51	33 anos	Não trabalhou	-
Gaspar Bitencourt Neto	68	36 anos	1967 a 1971 1975 a 1977 1979 a 1992	Mineiro, Mecânico Industrial
Valter Garcia da Fontoura	59	25 anos	1973 a 1975 1980 a 1990	Aux. Serv.Gerais e Lubrificador
Leda da Silva Sena	64	09 anos	Não trabalhou	-
Adilema da Silva Fagundes	64	10 anos	Não trabalhou	-
Luiz Antonio de Oliveira Biagini	46	37 anos	1986 a 1996	Analista de Laboratório
Luiz Carlos Pedroso	56	12 anos	1982 a 1992	Elétrica Automotiva
Zaldemir Alves Teixeira	64	62 anos	1967 a 1996	Manutenção Industrial
Zilmar Alves Teixeira	69	15 anos	1957 a 1959	Ferraria
Luiz Paulo Pavão	60	37 anos	1976 a 1996	Engenheiro de Minas
Evaldo Martins de Macedo	70	29 anos	1972 a 1990	Operador de Máquina
José Deni Rodrigues Silveira	48	13 anos	1983 a 1984	Topógrafo

Quadro 2: Entrevistados

Fonte: organizado pela pesquisadora

Além disso, o roteiro conteve um total de dez perguntas, sendo estruturadas de modo que pudéssemos aferir como ocorreram os processos de ressignificação desses objetos, que, a nosso ver, equivalem aos processos museais de aquisição, salvaguarda e a comunicação, tendo como pano de fundo o conceito de musealidade (Fato Museal⁶). Percebemos, ainda que a musealização nesse espaço acontece de forma orgânica, sem uma perspectiva teórica que a sustente.

Nesse momento apresentamos as questões norteadoras de nossa pesquisa, em formato de tópicos:

- 1-O que representa para as Minas do Camaquã aqueles objetos colocados na praça?
- 2-O que eles representam para você?
- 3-De onde vieram aqueles objetos e porque estão aqui?
- 4-Em que ano foram colocados na praça?
- 5-Quem teve a ideia de colocá-los ali e por quê?
- 6-Com qual objeto você mais se identifica e por quê?
- 7-Porque vocês preservam esses objetos?
- 8-Se viesse um grupo da Prefeitura Municipal de Caçapava do Sul e quisesse retirá-los dali para colocá-lo em um museu da cidade, o que você faria?
- 9-Que sentimento você teria diante de tal situação?
- 10-A quem vocês mostram esses objetos e por quê?

Diante dos questionamentos acima, apenas não iremos tabular junto aos resultados a questão de número quatro, uma vez que nesse momento, o ano em que esses objetos foram para a praça passa a não ser de relevância para essa pesquisa, e também por que os nossos entrevistados não tinham certeza de quando esses indicadores foram para lá. Verificamos que cada entrevistado elencava um período diferente, e alegavam que como se passou muito tempo, não tinham certeza de datas.

Assim, as perguntas um e dois tinham por objetivo buscar entender a musealidade em sua essência, uma vez que ela tem como princípio a valorização de determinados objetos, ou seja, eles perderam seu sentido utilitário e transformam-se

⁶ Fato Museal: termo cunhado por Waldisa R. C. Guarnieri, explicado no capítulo 1.1

em testemunho. Testemunho de um tempo e de um espaço que não se fazem mais presentes.

Além disso, averiguar porque aqueles objetos foram selecionados como indicadores de memória e não outros, uma vez que os processos de aquisição perpassam por uma seleção do que deve ser lembrado e do que pode ser esquecido. Dito de outra forma, a seleção e valoração dos objetos é algo voluntário e muitas vezes pensado, uma vez que não existe uma seleção desprovida de interesses ou desejos.

Uma definição interessante pode-se encontrar em Guarnieri, a qual contribui para as discussões museológicas ao afirmar que, “a musealização é muito mais que transferir objetos para o museu, pois o ato de musealizar considera a informação trazida pelos objetos em termos de documentalidade, testemunhalidade e fidelidade”. (Guarnieri, 1990, p. 08).

Já as perguntas três, cinco e seis foram organizadas num sentido de compreender porque aquele conjunto de objetos foi eleito como representante dessa comunidade, ou seja, quais foram os processos de seleção/aquisição patrimonial que auxiliaram na composição do cenário chamado Minas do Camaquã.

Levando em consideração esse processo de comunicação temos em Cury uma afirmação que vem a colaborar com a nossa pesquisa, ao dizer que,

“os objetos selecionados para uma exposição são, na verdade, escolhidos (valorados) duas vezes: a primeira para integrar o acervo da instituição (ou in situ) a segunda para associar-se a outros objetos – também escolhidos – para serem expostos ao público”. (CURY, 2005, p. 26).

Numa tentativa de investigar quais foram os processos de salvaguarda e preservação desses objetos expostos na praça central, foram elaborados os questionamentos sete, oito e nove. E, nesse sentido, percebemos que a salvaguarda nesse espaço não acontece de forma convencional como nos museus, uma vez que a organização e conservação dos objetos se dão por meio da construção dos discursos, sobre o que eles falam; da forma como se referem e citam esses maquinários. Ao mesmo, tempo, observamos que o processo de valorização desses objetos por parte dessa comunidade ocorre de maneira orgânica e não institucionalizada.

E por fim, a pergunta de número dez possuía como intuito entender quais eram os mecanismos utilizados por essa comunidade para comunicar esses objetos. Em outras palavras, queríamos descobrir quais eram as formas e a natureza dessa comunicação, uma vez que ela é parte essencial do processo de musealização.

Sobre essa comunicação evidenciamos que, no instante em que os moradores falam sobre esses objetos, eles estão tentando estabelecer um processo comunicativo. Ao pensar nos objetos eles falam sobre muitas coisas, como as histórias de vida, as relações de trabalho, sobre os colegas nas jornadas mineradoras, as tristezas, os acidentes ocorridos naqueles ou próximo daqueles maquinários e em menos intensidade sobre os objetos em si.

Dessa forma entendemos que os conteúdos desses discursos revelam que essa ressignificação acontece não pelo objeto em si, expresso apenas na materialidade dos objetos, pois os moradores falam mais dos acontecimentos invisíveis, ou seja, sobre um espaço e tempo não mais presentes hoje.

A partir do exposto acima, consideramos que, os caminhos percorridos nessa etapa da pesquisa, foram relevantes para auxiliar na análise dos resultados e também para que se explicitassem, de forma subjetiva, os sistemas de valoração desses objetos. Dessa forma, no capítulo seguinte iremos apresentar a interpretação dos dados.

2.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Nesta etapa do trabalho monográfico, partimos da análise dos dados propriamente ditos. Analisando exclusivamente as informações coletadas nas entrevistas.

Inicialmente, realizamos uma averiguação dos resultados encontrados para as perguntas um e dois⁷, sejam elas: O que representa para as Minas do Camaquã aqueles objetos colocados na praça? E o que eles representam para você? As quais buscavam investigar de que forma a musealidade em sua essência se evidenciava nessa vila.

⁷ O roteiro das entrevistas na íntegra pode ser encontrado nos apêndices.

Além disso, elas foram organizadas por categorias; em primeiro lugar porque a memória e a representação estão interligadas, fazendo parte da construção dos sujeitos e de suas histórias de vida.

E em segundo lugar visando auxiliar no entendimento das respostas referentes ao questionamento um: quando respondiam contam a história/representam/amostra da mina estavam se reportando a representação dos períodos de extração de cobre; recordação/lembrança tem um significado de trazer um tempo não mais presente, ou seja, lembrar das relações sociais e de trabalho; por patrimônio compreendemos que esses objetos são seus, pertencentes ao seu contexto; Já por enfeite/cartão postal podemos perceber a presença do objeto pelo objeto sem atribuir nenhum significado. E ainda por museu evidenciamos que eles tentam estabelecer um processo de comunicação, ao desejar que outros visitantes também conheçam essa história.

Levando em consideração os dados recorrentes que se fizeram presentes durante as entrevistas, as respostas para os questionamentos um e dois, podem ser visualizadas de acordo com o quadro abaixo.

Respostas Pergunta 1	Respostas Pergunta 2
Contam a história/ representam/amostra da mina	Retrato dos primórdios da Exploração de cobre/Ciclo Tecnológico
Recordação/Lembrança	Conta a História/Negócio Histórico/Tempo que a mina funcionava
Patrimônio	Enfeite/Relíquia
Enfeite/Cartão Postal	Não representa nada
Museu-para o pessoal ver	Museu

Quadro 3: Respostas das questões 01 e 02
Fonte: organizada pela pesquisadora

Dessa forma, de acordo com a tabela acima podemos verificar que algumas respostas se repetem, outras nos evidenciam que, embora tivéssemos como intenção perguntar o que aqueles objetos significam para o morador de forma individual; constatamos que coletivamente mediante a aplicação da pergunta dois elas se repetiam nos discursos.

Consideramos esta uma evidência, pois a memória individual perpassa também pela memória coletiva, uma vez que esse conjunto de objetos nos primórdios da mineração era utilizado nos trabalhos dentro da mina subterrânea, fazendo com que esse grupo de entrevistados recordasse de aspectos do trabalho coletivo. Lembramos ainda que nem todas as memórias remetem para coisas boas, outras, no entanto, fazem recordar coisas tristes e que por vezes se quer esquecer.

Diante dessa situação encontrada em campo de que a memória individual perpassa também pela coletiva, percebemos que Bosi nos auxilia no entendimento dessas questões sobre a memória ao dizer que,

“o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique. O tempo da memória é social, não só porque é o calendário do trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas também porque repercute no modo de lembrar”. (BOSI, 1994, p. 31).

Aliado a tudo isso, a resposta que surge mediante o uso da palavra recordação, tem um sentido direto de: recordar os tempos em que a gente trabalhava com aqueles equipamentos e recordar dos tempos que a gente trabalhava na mina.

Ainda nesse sentido de lembrança, ao ser indagado sobre a questão número dois, gostaríamos de lembrar as palavras do senhor Ernani ao dizer que,

“primeiro lugar adquirir a minha vida lidando por intermédio daquilo ali, hoje tenho na minha lembrança, construí desde a minha família, com trabalho, com o suor das minas [...] Hoje eu olho para ali e relembro colegas meus que já não existem mais, outros que ainda existe, então tudo aquilo ali me recorda de colegas meus, tem momentos bons que eu recordo ali e momentos ruins que perdi colegas meus acidentados junto naquelas coisas ali, junto comigo”.⁸

Além disso, em outra passagem pronunciada pelo senhor Enio, podemos visualizar como essas relações de trabalho aparecem de forma recorrente nos

⁸ Ernani Souza Luiz, entrevistado no dia 22 de junho de 2013.

discursos dos entrevistados, ao dizer que, “Recorda o tempo em que o cara trabalhou na mina, dos tempos de trabalho”⁹.

Por outro lado, como respostas elencadas por parte de um dos entrevistados e que podemos dizer que se transforma em um ponto fora da curva encontra-se a do Luiz Paulo, quando perguntado sobre o que aqueles objetos representam para o senhor, a resposta encontrada foi a seguinte,

“é um aspecto da tecnologia, te mostra como a tecnologia saiu de um aspecto manual [...] Então foi um avanço tecnológico para a época, onde o ar comprimido começou a ser utilizado, o diesel foi utilizado dentro da mina, naquelas vagonetas. Mostra um ciclo tecnológico da mineração. É um ciclo sobre trilhos. Depois foi o *track Lass*, sobre pneus”¹⁰.

Nesse depoimento do senhor Luiz Paulo, percebemos que ele apresenta o objeto pelo objeto, não elencando processos de ressignificação, apresentando em sua fala mais uma análise tecnológica do processo de mineração, uma vez que esses indicadores podem elencar diferentes tipos de discursos.

Um último ponto a ser analisado, pode ser percebido na resposta “não representa nada”, cuja entrevista foi realizada com o senhor Evaldo. Entretanto, podemos interpretar esse discurso como contraditório uma vez que, ao ser perguntado sobre o que os objetos ali presentes representam para a comunidade da vila Minas do Camaquã, ele responde da seguinte maneira: “Para mim não significa nada, simplesmente uma recordação da época, do que a gente sofreu empurrando aquilo ali, enchendo aquelas coisas, aquelas vagonetas, só na pá, tudo manual”.¹¹

Assim percebemos que o discurso do senhor Evaldo mais uma vez nos reforça esse sentimento de pertencimento ao local, de valorização desses objetos, seja numa circunstância de lembrar algo relacionado ao trabalho, seja numa relação direta para com esses indicadores. Uma vez que o fato museal está associado às formas de como se desencadeiam as relações de valoração entre a sociedade (homem) - nesse caso a comunidade vila Minas do Camaquã – e o seu patrimônio (objeto), representado pelos objetos presentes na praça central (cenário

⁹ Enio da Silva Baltezan, um dos entrevistados no dia 22 de junho de 2013.

¹⁰ Luiz Paulo Pavão, um dos entrevistados no dia 23 de junho, engenheiro de minas, por isso utilizou-se de termos em inglês ao explicar a sua representação sobre aquele conjunto de objetos na praça.

¹¹ Evaldo Martins de Macedo, entrevistado no dia 23 de junho de 2013.

institucionalizado ou não, em que acontece a relação). Colaborando nesse sentido ainda as palavras de Ivo Maroevic¹² ao dizer que,

“a musealidade representa a propriedade que tem um objeto material de documentar uma realidade, através de outra realidade: no presente, é documento do passado, no museu é documento do mundo real, no interior de um espaço é documento de outras relações espaciais”.

Nesse instante, começamos a refletir sobre as questões de número três, cinco e seis, as quais no nosso recorte metodológico fazem alusão aos processos museais de seleção/aquisição patrimonial. Diante delas evidenciamos que perante o questionamento de número três, embora tenham sido respondidos de formas diferenciadas, todos foram unânimes em responder que os objetos presentes na praça, eram oriundos da mineração, uma vez que as locomotivas, a carregadeira e as vagonetas eram utilizadas nas minas subterrâneas¹³ enquanto que a bomba de drenagem foi utilizada na mina do Seival¹⁴. Já no que se refere a segunda parte da pergunta as respostas podem ser melhor visualizadas, acompanhando o gráfico abaixo.

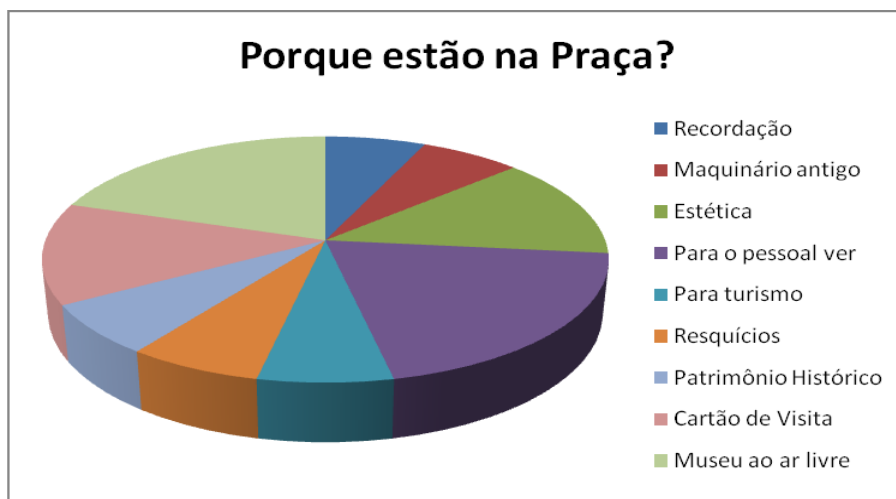


Gráfico 1: Porque os objetos estão na praça?

Fonte: Elaborado pela autora

¹² Texto: O papel da musealidade na preservação da memória, contido na apostila Bases Teóricas da Museologia, da Escola de Museologia da Unirio, 2001, organizada por Tereza Scheiner.

¹³ Mina subterrânea: termo utilizado para designar o trabalho realizado pelos mineiros em subsolo, muitas vezes a – 90 metros.

¹⁴ Mina do Seival: Termo utilizado para designar uma atividade de mineração a céu aberto numa localidade próxima chamada de Seival.

De acordo com o gráfico acima, elencamos que o primeiro processo de seleção desses objetos dizem respeito a importância que os mesmos tiveram durante o seu período utilitário, e após o término das explorações do minério de cobre, estes objetos são selecionados para comporem o cenário da praça. Conforme afirma Pomian ao dizer que uma coleção é formada quando determinados objetos saem de suas utilidades econômicas e ficam sujeitos a uma proteção especial.

Em nosso entendimento, estes objetos passam a ser representantes de uma história de vida, de uma história de trabalho e, a exposição dos mesmos em um local privilegiado, propicia o encontro com outro tempo, com outro espaço, não mais visível de forma direta neste instante, sendo a memória um dos instrumentos possíveis para que isso possa acontecer.

E ao mesmo tempo, as pessoas desse lugar os selecionaram como seus representantes, como seus indicadores de memória, uma vez que os entrevistados responderam que os objetos estão ali com o intuito das pessoas os visualizarem e, igualmente para ser um museu ao ar livre. Dessa forma, entendemos que as pessoas dessa comunidade os selecionaram com critérios e juízos de valor. Chagas nos lembra de que “do imensurável universo do museável (tudo aquilo que é passível de ser incorporado a um museu), apenas algumas coisas serão destacadas e musealizadas”. (2003, p. 18).

Quanto à transferência desses objetos da área mineradora para a praça central os entrevistados em sua maioria não souberam responder com exatidão ao questionamento proposto, entretanto, as respostas mais contundentes se referem a própria diretoria da empresa tê-los transferido para esse espaço onde os visualizamos hoje, em alusão as festividades do cinquentenário da CBC, comemorado em meados da década de noventa.

Estes indicadores então saíram da área industrial da mineradora para comporem o cenário urbano-arquitetônico dessa vila, de acordo com as respostas elencadas pelos entrevistados, em relação a esses objetos: “porque não tinham mais utilidade para nada, para expor, para dizer como eram” ¹⁵.

Na fala acima entendemos que está implícito novamente outro princípio da musealização que parte do pressuposto do objeto perder o seu sentido utilitário

¹⁵ Enio da Silva Baltezan, entrevistado em 22 de junho de 2013.

passando a assumir um novo *status*. Dito de outra forma, de objeto utilitário a objeto que fala, portanto, perdendo os antigos valores e agregando novos; sejam eles o valor simbólico e de representação. Ou ainda, passa a se tornar um patrimônio como um dos entrevistados se refere àquele conjunto de objetos.

Quando interrogados sobre os objetos dentre os quais eles mais se identificavam, podemos destacar a entrevista do senhor Ernani ao dizer que “Para mim o objeto mais importante não está ali, que foi o primeiro objeto que eu comecei a trabalhar dentro da mina, que seria aquela vagonetazinha, aquelas de emborcar a mão, que a gente mesmo emborcava elas”. Pomian no permite compreender esse discurso ao afirmar que nesse universo da representação; os objetos são intermediários entre o espectador que os olha e o invisível de onde veem.

Nessa fala percebemos novamente a presença do invisível, pois o morador lembrou-se de algo imaterial ao ser interrogado a respeito de objetos visíveis que compõe aquele cenário. Compreendemos mediante esse trecho que “o interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida”, como coloca Bosi (1994, p. 37).

Depois desse relato, podemos elencar os objetos com os quais eles mais se identificam, conforme nos apresenta o gráfico abaixo,

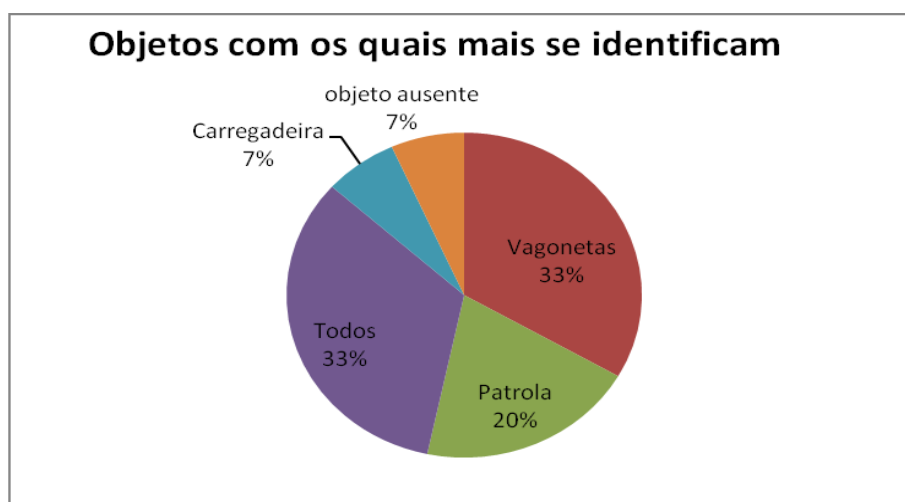


Gráfico 2: Objetos com os quais os moradores se identificam
 Fonte: elaborado pela autora

Além disso, um aspecto que aqui merece destaque reside no fato de que uma parcela considerável relata que todos os objetos os representa. Mas de que maneira, se eles não utilizavam todos os instrumentos ao mesmo tempo? Podemos responder a esse questionamento evidenciando que esses objetos não remetem somente a uma memória individual, mas uma memória compartilhada, conforme nos mostra a entrevista do senhor Zaldemir ao dizer que “tenho carinho por todos, porque aquilo ali me acompanhou e acompanhou a CBC”¹⁶.

Essa seleção embora não tenha inicialmente sido pensada sob esse enfoque, uma vez que esses objetos foram dispostos como uma ideia de ornamentação da praça; percebe-se agora mediante as entrevistas que um outro viés é possível de ser analisado, compreendendo os recortes e a seleção realizada por esses trabalhadores. Assim Lourenço (1999, p. 59) nos permite entender os processos de seleção, que culminam diretamente na musealização uma vez que os processos museais se interpenetram, ao afirmar a autora que, “o ser humano tem retirado formas de seu cotidiano, elegendo-as como peças para os museus, compondo tipos formadores de séries, fenômeno aqui identificado como musealização”.

Inicialmente essa coleção pode ter sido selecionada para compor esse cenário para outro fim, mas, posteriormente eles se apropriaram dos objetos e construíram seus discursos sobre eles. Essa apropriação também pode ser entendida como uma forma de aquisição.

Partindo então para as questões sete, oito e nove as quais tinham como objetivo investigar como se organizavam os processos de salvaguarda/preservação desse conjunto de objetos. Os moradores, diante da pergunta sete, embora com respostas organizadas de forma diferenciadas, relataram que as pessoas da vila preservam aqueles objetos, pois eles são importantes enquanto patrimônio e, ao mesmo tempo, contam uma história. Isso pode ser percebido também por intermédio da fala do senhor Valter ao dizer que preservam aqueles objetos “para que as pessoas que vem de fora conheçam a história, saibam o que significa aquilo ali para a comunidade”¹⁷.

¹⁶ Zaldemir Alves Teixeira, entrevistado no dia 23 de junho de 2013.

¹⁷ Valter Garcia da Fontoura, entrevistado no dia 22 de junho de 2013.

A afirmação de Hugues de Varine¹⁸, ao falar sobre o papel da conservação nos novos modelos de museu colabora para o exposto acima: “para mim, a herança natural do passado deve ser considerada como material cru ou semi-refinado, deixado à disposição dos nossos contemporâneos e de seus sucessores, para permitir-lhes construir seu novo projeto”.

Ao organizarmos a pergunta oito e nove, tínhamos como objetivo investigar se de fato aqueles moradores gostariam que aquele patrimônio permanecesse na vila, e que sentimento eles teriam caso aqueles referenciais fossem levados dali. Assim, averiguamos que de forma unânime todos responderam que não deixariam os objetos serem levados embora, e que uma tristeza muito grande os cercaria diante de tal fato. Nesse sentido, destacamos, para elucidar essa manifestação de permanência, as palavras do senhor Zilmar “a gente ia procurar impedi-los né, porque se tirar aquilo ali, é a mesma coisa que se tirar um pedaço do povo mineiro, porque aquilo ali é uma recordação de todo o povo mineiro”.¹⁹

Neste instante podemos elucidar o processo de conservação como um ato de construção dos discursos, uma vez que, preserva-se por duas vias: ao lutar para que os objetos permaneçam com eles neste espaço, contando histórias; e mediante a preservação dos discursos, os quais continuam dando vida aos objetos. Nesse caso a conservação não se executa de forma institucionalizada, como nos museus tradicionais, mas de maneira orgânica.

Aliado as respostas obtidas mediante a aplicação das entrevistas em campo conforme visualizamos acima, podemos entender também que a salvaguarda muito mais do que um ato por si mesmo, pode ser compreendida como a preservação desses objetos mediante os discursos empreendidos por essa comunidade, a qual deseja que esses indicadores permaneçam com eles, evidenciam isso pelas conversas e pela ação de contar essa história da mina por intermédio desses suportes de memória. Bruno vem a colaborar nesse entendimento ao dizer que,

¹⁸ Texto: Repensando o conceito de Museu, contido na apostila Bases Teóricas da Museologia, da Escola de Museologia da Unirio, 2001, organizada por Tereza Scheiner.

¹⁹ Zilmar Alves Teixeira, morador nas Minas do Camaquã, entrevistado no dia 23 de junho de 2013

“há uma explícita intenção pedagógica no que tange à condução dos caminhos de acessibilidade aos bens patrimoniais, à compreensão sobre a importância das referências culturais como instrumentos de auto-estima e auto-determinação dos cidadãos, e, em especial, aos ensinamentos que as ações museológico-preservacionistas podem propiciar para a fruição e o entendimento do universo que nos cerca e aos questionamentos sobre as memórias abandonadas”.(BRUNO, 2006, p. 134).

Complementando os processos museais temos ainda a comunicação, que nesse trabalho passou a ser investigada ao elaborar o questionamento de número dez - o qual está também diretamente relacionado aos demais que foram aplicados em campo - percebendo-se nas respostas que a comunicação desses objetos acontece quando se reportam a memória.

Dito de outra forma, esses discursos são comunicados ao falarem sobre eles, ao contarem as histórias de vida e da mineração, por intermédio daqueles suportes de memória, sejam para os seus descendentes, seja para seus familiares, amigos ou simplesmente para os visitantes que chegam à vila, e que necessitam de informações sobre o porquê daqueles objetos estarem na praça e o que eles significam naquele contexto.

Um dos relatos nos permite entender de forma específica os mecanismos de comunicação utilizados por essa comunidade, podem ser expressos na fala do senhor Enio: “a gente leva as pessoas para a praça [...] porque aquilo ali é nossa história, para conhecer a história e aí explicar que aquilo ali funcionava assim assim, tinha um carrinho que puxava as vagonetas”.²⁰ De forma semelhante, temos aliado a esse processo de comunicação, o depoimento do senhor Jose Deni, “eu conto a história das vagonetas, o que era dos Ingleses, o que era do Belgas, aquela máquina a vapor que tem ali, aquela ali tinha três máquinas daquelas aqui nas minas, ela é do tempo dos Belgas [...]”.²¹

De acordo os dados coletados na entrevista, e que dizem respeito mais especificamente aos processos de comunicação, estão as expressões dos moradores, as conversas elencadas sobre os objetos, e as falas, uma vez que ao falar, eles também comunicam. E, ao comunicar contam a história de vida desses moradores, assim como descrevem a história desse lugar, e isso pode ser

²⁰ Relato do senhor Enio da Silva Baltezan.

²¹ Jose Deni Rodrigues Silveira, entrevistado no dia 23 de junho de 2013.

evidenciado ao fornecerem detalhes sobre os equipamentos, sobre como os mesmos funcionavam, sobre como se iniciaram os processos de mineração nesse lugar, se transformando em objetos indicadores de memória.

Portanto, entendemos que de acordo com a nossa compreensão, diante da bibliografia estudada a qual, aliada às entrevistas realizadas em campo, nos permitiram um maior entendimento do fenômeno museológico que ocorre nesse espaço denominado de Minas do Camaquã e, ao mesmo tempo, a seleção, salvaguarda e comunicação presentes por intermédio das relações entre os objetos indicadores de memória e a comunidade podem ser equivalentes aos processos museais e nos permitem compreender a musealização do acervo exposto na praça central.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordarmos nesse trabalho monográfico a museologia sob o olhar do fenômeno, tínhamos como intenção investigar as relações que se estabeleciam entre a comunidade da Vila Minas do Camaquã e os objetos expostos na praça central. Esta problematização se desdobrou em outras questões, tais como: pesquisar porque os moradores selecionaram aqueles indicadores para representá-los; porque estão na composição daquele cenário. Ao mesmo tempo, nos propusemos a analisar como estes são preservados, que significado possui para aquele grupo de pessoas, e de que forma aquela comunidade se remetia a esse conjunto de maquinários.

Para a realização dessa pesquisa, tivemos a necessidade de elaborar uma metodologia que atendesse as particularidades da museologia-fenômeno, adaptando-a para nossa proposta. Dessa forma as entrevistas foram realizadas *in situ*, e isso acertadamente colaborou para o trabalho, uma vez que estávamos no cenário onde se encontra o fenômeno, e, além disso, por que foi possível observar inclusive expressões e as reações das pessoas quando lançávamos os questionamentos.

Nesse sentido, as respostas trazidas pelas pessoas não foram analisadas nesse trabalho em seu sentido literal, mas em contexto com as reações e as emoções inerentes aos discursos. E dessa forma, as entrevistas se tornaram uma ferramenta importante para interpretarmos as hipóteses e os problemas apresentados ao iniciarmos nossa pesquisa.

Além disso, após a aplicação das entrevistas e análises dos dados, percebemos como ocorrem os processos de ressignificação desses objetos por parte dessa comunidade através dos indicadores de memória. E esses processos, no nosso entendimento, podem ser comparados aos processos museais de seleção, salvaguarda e comunicação.

Em nossas análises observamos que do ponto de vista da musealidade essa comunidade atribuiu um valor especial para esses objetos, que vai muito além de sua funcionalidade pretérita. Tal fato nos leva a crer que os aspectos utilitários foram esmaecidos em virtude dos usos simbólicos que são feitos destes referenciais no presente. Ao mesmo tempo, nos discursos, percebemos que estes indicadores documentam outra realidade que perpassa por todo o ciclo minerador ocorrido nessa vila e evoca as histórias de vida desses moradores. Nesse sentido, entendemos que a musealidade em sua essência percebida no cenário, mediante as ressignificações presentes no e por intermédio desses objetos, nos oferecem as características fundamentais para que sejam estabelecidos os processos museais.

Também é importante salientarmos que a atribuição de um título de museu a este objeto de pesquisa ou discutir se nesse contexto existe ou não de fato um museu, não é tão relevante, uma vez que para nós museólogos o que interessa de fato são as ampliações dos estudos a respeito dos processos de musealização, sejam eles num museu institucionalizado ou não. Nesse sentido, deslocam-se os olhares da museologia aplicada para a museologia fenômeno, buscando a compreensão do processo nas experiências humanas, sejam elas as relações entre homem e objeto em um ambiente específico.

De acordo com a bibliografia estudada, entendemos que os homens são colecionadores por natureza e, de forma semelhante, faz parte do comportamento das pessoas preservar coisas, no sentido de que estas se perpetuem por um período maior de tempo, levando em consideração diversos interesses, sejam eles sentimentais, econômicos, de *status* social, de pertencimento, entre outros.

No contexto da vila Minas do Camaquã percebemos que o fenômeno se processa de forma orgânica, sem nem ao menos essa comunidade conceituar de maneira clara o que viria a ser um museu ou compreenderem como se processa a musealização. Além do mais, acreditamos pelas conversas estabelecidas com os moradores, que a criação de um museu nesse espaço não seria a solução mais acertada, uma vez que já existe um conjunto de significações e ressignificações nas relações que a sociedade mantém com aqueles objetos, e também por que a necessidade de proteger essa memória se evidencia nitidamente nos discursos que foram surgindo durante as entrevistas.

O significado atribuído pelos moradores a cada um dos objetos excede a memória individual, perpassando em muitos momentos também pela memória

coletiva. Essa memória acaba por contribuir para preservar os objetos e as histórias que por eles são perpassadas. De forma semelhante podemos nos referir ao estabelecimento do processo comunicacional, pois ao falar sobre os objetos, ao contar as histórias a respeito das relações de trabalho ou até mesmo por narrar as suas próprias histórias de vida, visualizamos os processos de conservação e a preservação, uma vez que esse ato acaba por disseminar grande parte dessa herança a outras gerações e até mesmo para os visitantes do lugar.

Entendemos que como a atual pesquisa possui um caráter inicial, ela tem a possibilidade de ampliar os seus estudos em outro momento, no futuro. Ampliando a discussão para outros enfoques museológicos, aprofundando conceitos e paradigmas dessa área de conhecimento em constante transformação.

Para finalizar, gostaríamos de ressaltar que esse trabalho monográfico, em nenhum momento, tem a pretensão de ser um assunto esgotado, por vários motivos, dentre eles, pelo fato de que dentro da academia muitas são as discussões possíveis de serem realizadas tendo como método de análise a museologia enquanto fenômeno; ser um campo de estudo relativamente recente, visto que as ampliações do conceito de museu e o que vem ser a Museologia começaram a se ampliar em meados do século XX; e pela consciência de que não trabalhamos com outros autores importantes. No entanto, apesar do exposto, esperamos contribuir para o conhecimento sobre as Minas do Camaquã, como uma parte da micro-história; na ampliação dos estudos museológicos, sejam eles no enfoque da museologia enquanto fenômeno, seja na investigação do que venha a ser a própria musealidade.

REFERÊNCIAS

- ANCIÃES, Alfredo Ramos. **Quando objectos de colecção falam das (tele)comunicações**. In: Episteme/Grupo Interdisciplinar em Filosofia e História das Ciências. N.21, jan/jun. 2005. Porto Alegre: ILEA/UFRGS.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança dos Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Museu Universitário Hoje – Painel A Pesquisa nos Museus**. In: Ciência em Museus, 1992, 4.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Museologia e Museus: os inevitáveis caminhos entrelaçados**. Cadernos de Sociomuseologia, n° 25, 2006.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Museus e Pedagogia museológica: os caminhos para a administração dos indicadores de memória**. In: As várias facetas do patrimônio. P. 119-140, 2006.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **A musealização da arqueologia – Museus de Arqueologia: uma história de conquistadores, de abandono e de mudanças**. In: Cadernos de Sociomuseologia, n° 17, 1999.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Museu e Museologia: ideias e conceitos – abordagens para um balanço necessário**. In: Workshop ICOFOM LAM 2008.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Museologia: algumas ideias para a sua organização disciplinar**. In: Cadernos de Sociomuseologia N° 9, 1996.
- CHAGAS, Mário de Souza. **A imaginação museal**. Museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2003.
- CHAGAS, Mário de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mario de Andrade**. Chapecó: Argos, 2006.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Estação da Liberdade: Editora Unesp, 2001.
- CURY, Marília Xavier. **Museu, Filho de Orfeu, e musealização**. In: ICOFOM LAM 99-VIII Encuentro Regional- Museología, Filosofía e Identidad en América Latina y El Caribe-Venezuela, 1999.
- CURY, Marília Xavier. **Exposição: Concepção, montagem e exposição**. São Paulo: Annablume, 2005.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. **Conceito de cultura e sua interrelação com o patrimônio cultural e a preservação**. Cadernos Museológicos. Rio de Janeiro: IBPC, n. 3, p. 7-12, 1990.

GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos. **Museu: Instituição de Pesquisa**. Rio de Janeiro: MAST, 2005.

JULIAO, Leticia. Apontamentos sobre a história do Museu. In: **Cadernos de Diretrizes Museológicas**. Brasília, 2006.

LOURENÇO, Maria Cecília França. **Museus Acolhem Moderno**. São Paulo: Edusp, 1999.

MACEDO, Ana Macedo de [et al.]. **Baby Pignatari: o centauro de bronze**. Porto Alegre: Metrópole, 2006.

MARQUES, Rita de Cássia; SILVEIRA, Jaqueline Torres. **Por trás das coleções: uma experiência com acervos da história da saúde**. In: Episteme - Grupo Interdisciplinar em Filosofia e História das Ciências. N. 20, jan/jun.2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. **O museu e o problema do conhecimento**. In: Seminário sobre Museus-Casas. Anais do IV Seminário sobre museus-casas: Pesquisa e documentação. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002.

MENSCH, Peter van (1994), **O objeto de estudo da Museologia**. Tradução de Débora Bolsanello e Vânia Dolores Estevam de Oliveira. Rio de Janeiro: UNIRIO, 22 p. (Prétextos Museológicos, 1).

MOUTINHO, M. “Evolving Definition of Sociomuseology: Proposal for reflection”, in P. Assunção dos Santos e J. Primo (org.), **Sociomuseology 4. To think Sociomuseologically. Especial edition 22º ICOM General Conference, Shanghai (7-12 November 2010)**, *Cadernos de Sociomuseologia*, nº 38, pp. 27-31.

NOGUEIRA, Jader Escobar. **Identidades de Classe nas Minas do Camaquã**. Revista Latino-Americana de História. Vol. 1, nº. 3 – Março de 2012

POMIAN, Krysztof. Coleção. In: **Enciclopédia Einaudi**. Vol. 1. Lisboa: Imprensa Oficial/Casa da Moeda, 1997.

POULOT, Dominique. **Museu e Museologia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

QUEROL, Lorena Sancho. **Para uma gramática museológica do (re) conhecimento: ideias e conceitos em torno do inventário participado**. Rev. de Sociologia, n. 25. Universidade do Porto. Disponível em:

http://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097_Rev.%20Sociologia%20UP,%20%20n%BA%2025.pdf [Acessado em 03-06-2013]

RONCHI, Luiz Henrique; LOBATO, Anderson Orestes Cavalcante. **Minas do Camaquã: um estudo multidisciplinar**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2000.

SILVA, Rogério Marques. **Espaço e tempo nas Minas do Camaquã em Caçapava do Sul/RS**. Dissertação de Mestrado. Santa Maria, 2008.

SCHEINER, Tereza C. O Museu como Processo. In: **Cadernos de Diretrizes Museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008.

SCHEINER, Tereza C. **Repensando o museu integral: do conceito às práticas**. In: Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum. vol.7 no.1 Belém jan./abr. 2012.

SCHEINER, Tereza C. **Apolo e Dionísio no Templo das Musas. Museu: gênese, ideia e representações em sistemas de pensamento da sociedade ocidental**. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ. 1998 (Dissertação de Mestrado).

SCHEINER, Tereza C. **Apostila Bases Teóricas da Museologia**, da Escola de Museologia da Unirio, 2001.

SOARES, Bruno C. Brulon. **A experiência Museológica: conceitos para uma fenomenologia do museu**. In: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST - vol. 5 no 2 – 2012

SUANO, Marlene. **O que é museu**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

APÊNDICES

Roteiro das Entrevistas

Dados de Identificação:

Nome:

Idade:

() 40 a 50 anos () 50 a 60 anos () 60 a 70 anos () 70 a 80 anos

Quanto tempo reside nas Minas:

Trabalhou na mineração em que período:

O que você fazia nas Minas:

Questionários:

1-O que representa para as Minas do Camaquã aqueles objetos colocados na praça?

2-O que eles representam para você?

3-De onde vieram aqueles objetos e porque estão aqui?

4-Em que ano foram colocados na praça?

5-Quem teve a ideia de colocá-los ali e por quê?

6-Com qual objeto você mais se identifica e por quê?

7-Porque vocês preservam esses objetos?

8-Se viesse um grupo da Prefeitura Municipal de Caçapava do Sul e quisesse retirá-los dali para colocá-lo em um museu da cidade, o que você faria?

9-Que sentimento você teria diante de tal situação?

10-A quem vocês mostram esses objetos e por quê?